Noventa anos depois... Canudos de novo

Coordenação do Novo Movimento Histórico de Canudos

Noventa anos depois...
Canudos de novo

Coordenação do Novo Movimento Histórico de Canudos

– Este livro é uma contribuição
da Coordenação do Movimento
Histórico de Canudos.
Cânticos – Letra e música: Pe. Enoque Oliveira
Desenhos – Cosme

Foto-Antonio Olavo

Diagramação/Arte Final – Raimundo do E. Santo
Impressão: EMQ – Gráfica e Editora
Ladeira de Santana, 2 A – Ed. Montalvão – Salas 4 e 5
Nazaré – Salvador – Bahia – Tel.: 243-7798

APRESENTAÇÃO

"Canudos não morreu
ele está presente dentro do nosso coração
dando mais força e coragem
em nossa luta pela libertação
uma luta em defesa da paz
e contra essa terrível escravidão."

Nesses versos de José Gonçalves do Nascimento, da Comunidade de Monte Santo, encontramos resumidos o sentido do Movimento de Canudos e o conteúdo deste livro. Lembramos a grande multidão de lavradores nordestinos que, no dia 28 de julho de 1984, dia de sol, de alegria e de esperança, cantava numa só voz: "Alegria povo meu, pois Canudos não morreu". Data histórica. Estava resgatada uma dívida com o povo oprimido do sertão, com os milhares de mortos da guerra de Canudos, com a verdade da história e, por isso mesmo, com Deus, Senhor da Verdade e da Justiça.

O atual movimento de Canudos surgiu dentro do contexto das Comunidades Eclesiais de Base de Monte Santo e dos municípios vizinhos, desejando resgatar um movimento popular de libertação, que teve na época um grande impacto, e alimentar a luta atual do povo nordestino, que encontra na luta dos antepassados uma fonte de inspiração e de esperança. O próprio Euclides da Cunha, cuja interpretação de Canudos é questionável, fecha seu livro **Os Sertões** *reconhecendo o valor e a coragem do povo nordestino: "Canudos não se rendeu! Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expunhado palmo a palmo, caiu no dia 5 de outubro de 1897, ao entardecer quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens e uma criança, na frente dos quais rugiam, raivosamente, cinco mil soldados".*

Tal episódio não podia ficar sepultado sob as águas do açude de Cocorobó ou sob as interpretações tendenciosas da ideologia dominante, reduzido a uma epopéia de fanatismo. Ainda menos podia ficar preso nos círculos universitários e no âmbito elitista dos estudos de história.

Nascido do povo, tinha que voltar ao povo. O Movimento de Canudos reinterpreta a nível popular a história do Conselheiro e de sua Comunidade.

Releitura necessária e possível, porque parte da situação de exploração do povo de hoje que tem semelhanças surpreendentes com a exploração do povo da época. Podemos certamente questionar umas simplificações ou umas interpretações idealistas. Mas devemos reconhecer que a situação de classe permite uma aproximação mais verdadeira e, por isso, mais científica.

Releitura importante para a conjuntura atual. São enfrentados os temas da Terra, do Poder Popular, da Produção e Distribuição dos Bens, da Lei, da Violência, do Caminho de Libertação, temas que estão na ordem do dia da conjuntura brasileira e que são continuamente debatidos no âmbito do movimento popular.

O livro que apresentamos quer ser instrumento pedagógico para reinterpretar a luta de Canudos e, sobretudo, para alimentar a luta dos lavradores nordestinos hoje. Por essa razão, mantém continuamente a relação entre o hoje e o ontem, entre as necessidades atuais e as soluções antigas.

Numa primeira parte, resume a história do Conselheiro, enquadrada na situação econômico-política do Nordeste. Aparece a Comunidade de Belo Monte com sua coragem e com suas inovações extraordinárias. Aparece também a reação violenta dos coronéis e do poder constituído, eclesial e civil.

Numa segunda parte, através do recurso de quadrinhos e perguntas, retoma a história de Canudos, fazendo o paralelo com a situação atual. Não é um livro para ser lido em poucos dias. É um instrumento para favorecer o debate numa série de encontros, onde o povo possa dizer sua palavra sobre a situação atual.

Por último, explica-se a história recente do Movimento de Canudos, a razão dessa iniciativa, o papel da Igreja, a discussão nos meios populares e as reações que apareceram.

O Movimento de Canudos já pode ser considerado como vitorioso. Mas os desafios não faltam e terão que ser enfrentados com coragem e espírito crítico para que o movimento popular possa avançar. O livro, como página escrita, tem seus limites. Apresenta claramente a exploração do povo, a violência dos opressores e a coragem e iniciativa dos oprimidos para encontrar soluções novas. Ficam na sombra certos desafios que deveriam ser explicitados para concretizar e fortalecer a caminhada hoje.

Além da identidade, é necessário tomar consciência e explicitar melhor a diferença entre a situação de ontem e a situação de hoje. Certamente a consciência, a mobilização e a organização do povo aumentaram. Mas também modificou-se a estrutura econômico-política, sendo que o capitalismo torna sempre mais complexa e eficaz sua presença. O exemplo de Canudos serve para alimentar a coragem e a esperança. Pode sugerir caminhos concretos. Não se trata, porém, de querer aplicá-lo à situação atual, muito diferente e complexa.

Na nova realidade, o maior ensinamento que vem de Canudos é o da novidade. Canudos inovou: novas leis, novo poder, nova organização, nova distribuição de recursos ... Aqui está o maior desafio para o povo do sertão e para o Movimento de Canudos: como encontrar caminhos novos, caminhos do povo, caminhos de libertação, que respondam às exigências de hoje?

O Cruzeiro Sagrado está plantado e batizado em Canudos. Sinal de que o sangue derramado não foi em vão. Sinal também de que a caminhada é difícil e comprida. Mas vitoriosa.

Claudio Perani

1. A CAMINHADA DE CONSELHEIRO

Conselheiro nasceu no sertão do Ceará em 1829, na cidade de Quixeramobim. Aí se criou. Desde a juventude percebeu as injustiças praticadas no sertão contra o povo pobre. A própria família de Conselheiro foi vítuma de uma dessas lutas entre famílias. Teve grande interesse pelos estudos. Herdou do pai valiosos conhecimentos sobre construção civil. Chegou a ser advogado popular. Na prática como advogado, defendendo os mais explorados, descobriu o quanto a justiça era manobrada pelos coronéis. E quem tentasse defender os oprimidos era preso, perseguido, condenado. Mas isso não intimidou Conselheiro. Ao contrário, ele percebeu que era preciso dedicar a sua vida por uma causa grande; a causa do povo humilde. Tendo ficado sem a sua companheira, Conselheiro abandona a profissão e abraça esta causa. Iniciando assim uma nova fase da sua vida, com o ciclo de peregrinação pelo Nordeste. Ia do sertão ao mar, do mar ao sertão. Quando se tornou bem conhecido, o povo humilde lhe deu o nome de Conselheiro. Porque era um homem justo e aconselhava as massas camponesas a se organizarem na conquista de melhores dias. O seu nome de batismo é: Antônio Vicente Mendes Maciel. Viveu na própria pele o sofrimento que abatia aos irmãos nordestinos. Esse sofrimento acendeu nele uma paixão muito grande pela libertação do povo. Nas suas peregrinações de 20 anos, por onde passava deixava marcas da sua fé e do seu compromisso com os nordestinos: construía barragens, açudes, capelas, cemitérios. Não tinha ambição pessoal, nem juntou riquezas para si. O seu futuro era o bem-estar dos camponeses. Sua ambição era a elevação do povo humilde. Em cada lugar fazia discípulos que o acompanhavam. Conselheiro e seus discípulos traziam consigo um oratório, com a Imagem Sagrada do Bom Jeus. Cada dia dedicava um tempo com seus discípulos para a oração com Deus Pai. Esses momentos de oração e meditação comunitária sobre os problemas do povo e sobre os mistérios da fé, eram o fermento que despertava nos seus seguidores a disposição de se libertar do carrancismo dos fazendeiros e políticos. Era um verdadeiro Conselheiro do povo do sertão que vivia abandonado pela Igreja, acorrentado pelos coronéis, perseguido pelo Estado.

2. A SITUAÇÃO DO NORDESTE

O Nordeste do tempo de Conselheiro era um celeiro de riquezas e injustiças sociais. As riquezas não eram usadas para melhorar as condições de vida do povo trabalhador do campo e da cidade. A lei do latifúndio era clara: riquezas e privilégios para os coronéis e políticos; misérias e injustiças para os trabalhadores e camponeses. As terras, os engenhos de açúcar, a pecuária e todos os bens produzidos eram controlados pelos fazendeiros e políticos. Os camponeses eram tratados como servos da casa do seu "sinhô". À custa das calamidades e do sofrimento do povo (seca, doença, etc ...), os coronéis da terra aumentavam seus privilégios.

O governo da Monarquia não tomara providências para solucionar os graves problemas do Nordeste. A mudança da Monarquia para a República agravara ainda mais a situação do trabalhador do campo. Pois este teria então que pagar impostos ilegítmos. Além disso, o governo tirava as melhores terras dos posseiros para dar aos estrangeiros. A lei que orientava o campo era a lei do latifúndio. Para o povo que vivia de mãos calejadas de puxar enxada, o Nordeste era atraso, fome, doenças, dominação, violência contra os trabalhadores. Se o Nordeste estivera abandonado pela Monarquia e desprezado pela República, mais abandonados viviam os milhares de nordestinos que trabalhavam na cidade e no campo. Quem eram esses nordestinos: eram um povo submetido ao mais cruel sofrimento. Era uma gente que morria lentamente: sem terra, emprego, sem liberdade, sem futuro. Era um povo sem direitos. Tinha somente a obrigação de obedecer cegamente aos coronéis. Para essa leva de nordestinos, restavam duas coisas a fazer: ficar na terra como agregados ou se tornar retirantes do destino, sem rumo algum.

3. A EVANGELIZAÇÃO

Desde jovem, Conselheiro se entrega de corpo e alma à luta contra as injustiças sociais e o atraso planejado. A firmeza com que defende os oprimidos fez dele o grande profeta dos retirantes do sertão. Sua crença e coragem no trabalho de união e organização dos camponeses, transforma Conselheiro no maior líder popular que o País já conheceu. Nas suas pregações aconselhava o povo a viver na união e santidade de vida. Prega a salvação dos homens e mulheres através das boas obras e do compromisso fraterno com a luta de libertação. Suas críticas de profeta atingem a todas as forças que acorrentam os camponeses ao atraso. Homem justiceiro, não poupa ninguém. Até a atuação da hierarquia da Igreja era denunciada nas suas críticas justas e severas. Os padres, ao invés de cuidarem da defesa dos humildes, vivem de mãos dadas com os que dominam o povo. Esta atitude da hierarquia fica ainda mais clara quando os padres pregavam o conformismo e a resignação aos camponeses escravizados. Enquanto os padres, apegados às coisas do mundo, pregavam a obediência ao plano dos dominadores, Conselheiro organiza o povo. Ensina-o a exigir os seus direitos tomados e a combater o atraso planejado. Pois o poder que pisa e esmaga o povo, não vem de Deus, mas da dominação satânica dos coronéis. Os padres ajuntavam terra e gado, Conselheiro prega a divisão das terras para uso coletivo e vive uma vida despojada, imitando Jesus de Nazaré.

4. OS SINAIS DE ESPERANÇA

Apesar de toda esta situação, havia sinais de esperança. O atraso tirano não matou a resistência dos nordestinos. Das cinzas da dor, os camponeses

alimentavam a coragem para reagir. De vez em quando se ouvia falar em rebeliões. Eram rebeliões muito justas. Morrer de fome num país tão rico era contra a Virgem Santa, contra os direitos humanos, contra a vida. Deus é Deus da vida e não da morte forçada. Depois de 20 anos de peregrinação pelo Nordeste, sentindo de perto o atraso planejado e o descontentamento das massas camponesas, Conselheiro coloca em prática o seu objetivo: formar uma comunidade igualitária. Essa comunidade seria formada de gente pobre. Seus membros seriam os nordestinos retirantes: sem terra, sem emprego, sem futuro. Toda aquela gente que estava com os braços atados ao latifúndio e que em Canudos se tornariam braços livres a serviço da comunidade. E assim se uniu a resistência dos camponeses com o sonho de Conselheiro. Estava pronto o ambiente para formar a comunidade do Belo Monte.

4.1. A Comunidade do Belo Monte (Canudos)

Conselheiro encontra uma terra devoluta. Das mais secas do Nordeste. Cortada pelo rio Vasa-Barris, na região do Raso da Catarina, para servir de local adequado à organização dos camponeses e colocar em prática seu objetivo: formar a comunidade igualitária de Canudos. Conselheiro era um homem prático. Sabia que não bastava construir a cidade. Organizar seus habitantes. Praticar a igualdade. Era preciso garantir a sobrevivência da população. Era preciso produzir. Era preciso defender a organização e, sobretudo, era preciso trabalhar a terra em comunidade e colocar a produção a serviço de todos. Obediente aos mandamentos da Lei de Deus, devoto da Virgem Maria que prega a elevação do povo humilde, Conselheiro ensina que a terra tem um dono só: Deus! Se a terra é de Deus, os camponeses podem ocupá-la. Inspirados nesses preceitos divinos e nas necessidades concretas do povo, os camponeses iniciaram a ocupação das terras até então improdutivas.

Por volta de 1893 foi iniciada a formação da cidade-comunitária de Canudos. Os camponeses descobriram na pregação de Conselheiro um chamado para mudar a situação e um apelo para construir uma comunidade sem exploradores e explorados. Onde a vontade do povo fosse respeitada. E aí, o que era solidão e ermo se transforma em primavera dos pobres do sertão: Canudos! Nesse novo ambiente eles são respeitados e alimentados. A vida tem outro curso nas terras do sol e da dor. Rapidamente a comunidade foi crescendo e em poucos anos se tornou uma das maiores cidades do Nordeste. Tinha 25.000 (vinte e cinco mil) habitantes.

4.2. O Poder

Como o poder era exercido nesta cidade? Quem mandava? Era uma cidade diferente das outras. Não havia prefeito. Não havia polícia. Não havia mandão. Não havia juiz, militares, advogados. Não havia duas classes: uma

que trabalha e a outra que lucra; uma que se diverte e a outra que geme; uma que decide e a outra que obedece; uma que faz as leis e a outra que cumpre; uma que come e a outra que passa fome; uma que tem os conhecimentos da escola e outra que é proibida de fazer o nome. Em Canudos, todos cuidavam da terra e da cidade. Todos trabalhavam e eram responsáveis pelo futuro da comunidade. Todos participavam das decisões. O poder era exercido de forma comunitária. O único senhor era Jesus Cristo.

4.3. A Lei

Qual era a lei que orientava a cidade?

Na cidade só havia uma lei: a lei da partilha. Tudo era repartido. Esta lei trazia a paz, o progresso dos habitantes e o bem comum. Era proibido roubar. Não tinha prostituição. Os responsáveis por graves crimes eram enviados para a comarca de Monte Santo. Não havia pobre nem rico: todos eram iguais. Quais os frutos da Lei da Partilha? Os trabalhadores unidos e organizados criaram fartura para todos, na seca ou nas estações de chuva. Os camponeses irmanados transformaram a miséria em fartura. O atraso planejado foi transformado em progresso para todos. Ninguém é rejeitado. Ninguém é abandonado. O pobre é gente na comunidade do Belo Monte.

4.4. O que acontecia nos arredores de Canudos?

Os fazendeiros iam perdendo os seus servos. Cansados de trabalhar como escravos, os lavradores se mudavam para Canudos. Tinha famílias que vendiam ou deixavam suas pequenas propriedades para morar no Belo Monte. O poder dos fazendeiros ia se enfraquecendo. Canudos oferecia trabalho e acolhimento para todos. O trabalho forçado nas fazendas era substituído pelo trabalho de mutirão, feito com muita amizade. Na Comunidade do Belo Monte, os pobres tinham vez e voz. O povo humilde construía com as suas próprias mãos, um novo céu e uma nova terra. Era o Reino de Deus de que fala a Bíblia, que começava no sertão da Bahia.

4.5. Principais objetivos da luta de Conselheiro:

1. A luta pela ocupação da terra, para uso coletivo;
2. A luta pela acumulação de água, para acabar com a sede e com a seca;
3. A luta para trazer de volta as experiências comunitárias do Cristianismo Primitivo;
4. A luta pela libertação e autonomia do povo trabalhador do campo.

5. A REAÇÃO DOS CORONÉIS, POLÍTICOS E DA IGREJA

Este movimento comunitário e o uso comum da terra provoca a ira dos latifundiários e se torna a fonte do conflito entre os moradores do Belo Monte e os coronéis do sertão. Para os coronéis, o uso coletivo da terra posto em prática pelos trabalhadores era um ato de subversão e, como tal, precisava ser combatido. Os trabalhadores organizados coletivamente na terra não iam mais querer se sujeitar ao carrancismo dos fazendeiros e políticos. É aí que começa a campanha de perseguição. Percebendo os fazendeiros que a experiência comunitária de Canudos, colocava em perigo os privilégios deles e se esta experiência se espalhasse pelo sertão, não haveria mais mão-de-obra escrava para trabalhar nas suas fazendas, não viram outra saída senão colocar em marcha a violência. Sem mão-de-obra para explorar, de que maneira iriam continuar enricando? De que fonte tirariam seus lucros? Sem o trabalho dos camponeses os fazendeiros estariam arruinados. O poder dos coronéis estaria em perigo. Seria o fim do carrancismo. Também os padres e bispos ficaram do lado dos poderosos e do Estado. Era visível nesta atitude da hierarquia da Igreja um grave desprezo pelo povo humilde e uma clara desobediência à mensagem libertadora de Jesus de Nazaré. Ele, Cristo, que veio à terra para salvar os pobres da miséria e elevá-los a um mundo de irmãos. A ira dos fazendeiros não demorou a vir. Iniciaram uma campanha de mentiras contra Conselheiro e seus seguidores. O que queriam com estas mentiras? Esconder a Questão da Terra. Negar a experiência vitoriosa de Reforma Agrária praticada pelos camponeses. Queriam desviar a atenção da Nação sobre a principal causa da miséria e do atraso planejado do Nordeste: a concentração das terras nas mãos de uma minoria privilegiada. Queriam os fazendeiros receber apoio das autoridades para invadir Canudos e acabar com a sua população. Que mentiras deveriam ser contadas para convencer a população e conquistar o objetivo: inventaram que Conselheiro pregava contra a Igreja. Que ele queria derrubar a jovem República e restabelecer a Monarquia. Que estava fazendo agitação e subversão no meio das massas camponesas. Que ele era fanático e louco. Que ele era contra o Estado. Até depois da morte, sob a tensão da guerra, ainda quiseram provar mais mentiras: desenterraram o corpo de Conselheiro e cortaram a cabeça para comprovar as suas teses, mas a medicina atestou que ele era um homem perfeitamente normal. Estas mentiras não convenciam os camponeses que traziam na lembrança a canga que os fazendeiros botavam sobre o seu pescoço e os obrigava a carregar. Quanto mais as mentiras se espalhavam, mais o Belo Monte atraía lavradores; mais a lei da partilha trazia progresso; mais os trabalhadores tomavam consciência que só o pobre associado ao pobre, numa luta comum, é que eles podem criar condições dignas para a sobrevivência.

5.1. A Exigência

Vendo os coronéis que o povo não acreditava nos seus planos mentirosos,

exigiram do governo da Bahia, Luiz Viana, uma ação enérgica contra Canudos e a sua população. Sem apurar os fatos e ignorando o valor da experiência para o desenvolvimento das populações pobres, Luiz Viana, parente dos Viana de Casa Nova, ordena a matança. Esta decisão do governador da Bahia marcou nos anais da história deste Estado, uma característica das oligarquias baianas e de modo particular dos Viana: a Violência Cruel contra o Povo Humilde. Ontem como hoje são cruéis, ontem como hoje, perseguidores das comunidades; ontem como hoje vivem às custas do atraso por eles planejado e sustentam pela força da coação e da violência bruta, a politicagem, responsável pela matança de milhares de nordestinos a cada ano que passa.

Que apelo faziam os coronéis? Destruir Canudos e matar toda a sua população de mais de 25.000 habitantes. O governo sem muitas dificuldades reúne as suas tropas e atende às exigências dos fazendeiros. As forças estaduais ao pisarem no sertão, dezenas de quilômetros distantes do local onde se deu o primeiro confronto armado com os conselheiristas, põem em prática a sua ação selvagem, destruindo plantações, incendiando casas, violentando pessoas inocentes.

A primeira derrota das forças estaduais se deu em Uauá. Diante desta derrota, o governo estadual percebe que as forças da Bahia são frágeis para enfrentar a poderosa organização dos camponeses. O Belo Monte era uma fortaleza de fé e de resistência e a sua população não iria se render diante de uma chuva de balas traidoras. Foi então que o governo estadual apela para o Presidente da República, Prudente de Morais, e este, reúne forças de todo o País para destruir Canudos e dizimar a sua população. Foi um ano de sangue e de guerra: 1896-1897. As três primeiras expedições foram derrotadas pelos camponeses. A quarta expedição da polícia e do exército, munida de milhares de homens, trazendo terríveis canhões, conseguiu, com desesperado esforço, destruir a cidade comunitária deste País. A cinco de outubro de mil e oitocentos e noventa e sete (5.10.1897) termina a maior guerra camponesa do século XIX. Canudos virou cinzas. Degolaram até o último sobrevivente. Naquele dramático dia se abriu no chão da terra uma chaga sem tamanho na história deste País. Nem as crianças foram livres da degola. A ordem era: abater até os galhos de pau, para não deixar sequer a lembrança daquela organização comunitária. Restou a igreja que a ira dos canhões não pôde destruir totalmente e que se encontra, ainda hoje, no mesmo local, protegida pelas águas, como denúncia e testamento, para que o mundo saiba da violência selvagem dos militares. Estes, armados com a sua cegúeira animal, atendem às ordens de destruir uma cidade e o seu povo com a mesma disposição de quem está num matadouro abatendo bode. No juízo dos militares, era preciso destruir o ar, a terra, as moradias, a vida, a lembrança, os amores, as árvores, a fé ... tudo devia virar cinzas para que o povo brasileiro, no futuro, não lembrasse que ali naquele lugar, os camponeses desafiaram com dignidade, com comunhão, com fé, um poder que era contra a paz coletiva de Canudos. Para as forças do governo era preciso apagar da memória deste País uma guerra tão vergonhosa, contra uma população pacifista, que só queria vencer o

atraso planejado. Acabar com a miséria. Viver em liberdade. Instaurar um mundo de irmãos onde todos os homens e mulheres têm direitos e deveres iguais.

5.2. A Culpa das Autoridades

As mais altas autoridades civis e militares bem poderiam ter evitado aquele massacre. No entanto, preferiram ficar surdos à voz do bem comum. Logo decidiram atender ao apelo sangrento dos que se alimentavam e se alimentam com o suor humano do atraso. Preferiram recorrer ao caminho mais fácil e detestável: da violência sem sentido, contra milhares de vidas humanas e contra o futuro que elas planejavam. Este recurso da violência militar foi usado repetidas vezes na história do País, pelas forças e poderes que não prezam pela sobrevivência e independência da Nação e que se distanciam cada vez mais das aspirações e interesses reais das camadas de populações trabalhadoras da cidade e do campo, que constroem o progresso do Brasil.

Ao invés de instaurar um inquérito para apurar as injustiças e por fim a uma campanha articulada contra Canudos, escolheram reagir armados diante de uma população que só queria viver. Longe, muito longe, das outras cidades governadas pelos capatazes da violência oficial, que certamente contavam com o apoio das autoridades. Esses mesmos senhores, insensíveis aos anseios mais íntimos do povo, esqueceram daqueles que construíram as riquezas do Nordeste. Esqueceram que também os trabalhadores têm necessidades concretas. Também não tiveram interesse em compreender o sofrimento dos trabalhadores e as causas que levaram essa gente humilde a construir uma cidade sem patrão e empregado. Afinal, é pecado lutar contra o atraso planejado pelos coronéis? É pecado plantar a terra e produzir alimento para todos? Quem disse que é proibido se organizar livremente sem o consentimento dos coronéis e politiqueiros? Que governo é esse que declara guerra e envia suas tropas com a finalidade de destruir milhares de vidas, orientado por um simples telegrama do violento juiz de Juazeiro, Arlindo Leone, e por uma imprensa habituada a defender os interesses dos opressores? A decisão do governo de matar trinta mil vidas (25.000 de Canudos e 5.000 soldados) que construíam com seus próprios recursos, o progresso material, numa região ignorada pelas autoridades foi por incompetência ou cumplicidade?

Os milhares de nordestinos mortos a cada ano pela força do atraso planejado certamente teriam outras condições de vida, se tais autoridades tivessem evitado o massacre de Canudos. A dor e o sofrimento não seriam tão cruéis se a nossa Pátria-Mãe tivesse garantido aos trabalhadores de ontem e de hoje o direito soberano de formar as suas organizações livres e independentes. Certamente o País não seria um cartão-postal de miséria e violência, e o povo não viveria dependente e submisso de decisões de banqueiros e empresas multinacionais. Noventa anos após o massacre de Canudos, os que pela prática da força se mantêm no poder, usam os mesmos recursos da violência contra a

luta dos camponeses e trabalhadores do sertão. Os poderosos mudaram os métodos, mas a guerra contra o povo de Canudos e do sertão não terminou.

6. RESISTÊNCIA E DEGOLA

Os camponeses resistiram até o esmagamento completo. Com as suas armas simples, mostraram aos opressores que era preciso respeitar a lei dos trabalhadores organizados. A lei da resistência popular. Canudos era uma experiência de Deus, por isso, ninguém devia se render aos inimigos da fé. Ninguém devia ceder frente às balas dos protetores da mentira. Traidores da paz. Inimigos do povo simples. A Igreja por sua vez assistiu calada a essa degola infame. Ao invés de amaldiçoar uma campanha organizada pelos poderosos contra o povo de Canudos, cuja prática comunitária se identificava com o trabalho das comunidades bíblicas, cala e consente. O seu silêncio de sangue confirmou o preço da ordem para a matança geral. Certamente que se a Igreja fica do outro lado, o destino de Canudos seria outro.

Canudos foi um grande sinal de luta de libertação dos pobres do campo. Foi destruído porque era uma experiência isolada no País. Mas Canudos ressuscitou. Canudos está brotando como a caatinga depois da chegada das chuvas, ali onde os trabalhadores estão se organizando. Canudos vive no juízo do povo que clama por justiça. Que cobra os seus parentes mortos na guerra. Que resgata esse passado lindo do povo camponês. Os traidores não terão mais forças para matar o povo organizado.

Passados quase 100 anos, aos quinze (15) dias do mês de outubro de 1983, membros da Paróquia de Monte Santo e um grupo de pessoas de Euclides da Cunha e Uauá, numa discussão às margens do misterioso açude de Cocorobó, palco da guerra de Canudos, fazem ressurgir o Novo Movimento Histórico de Canudos. Chegará o dia em que o povo do campo e das cidades vai se libertar. O sangue derramado em Canudos virou semente de libertação.

QUESTÕES:

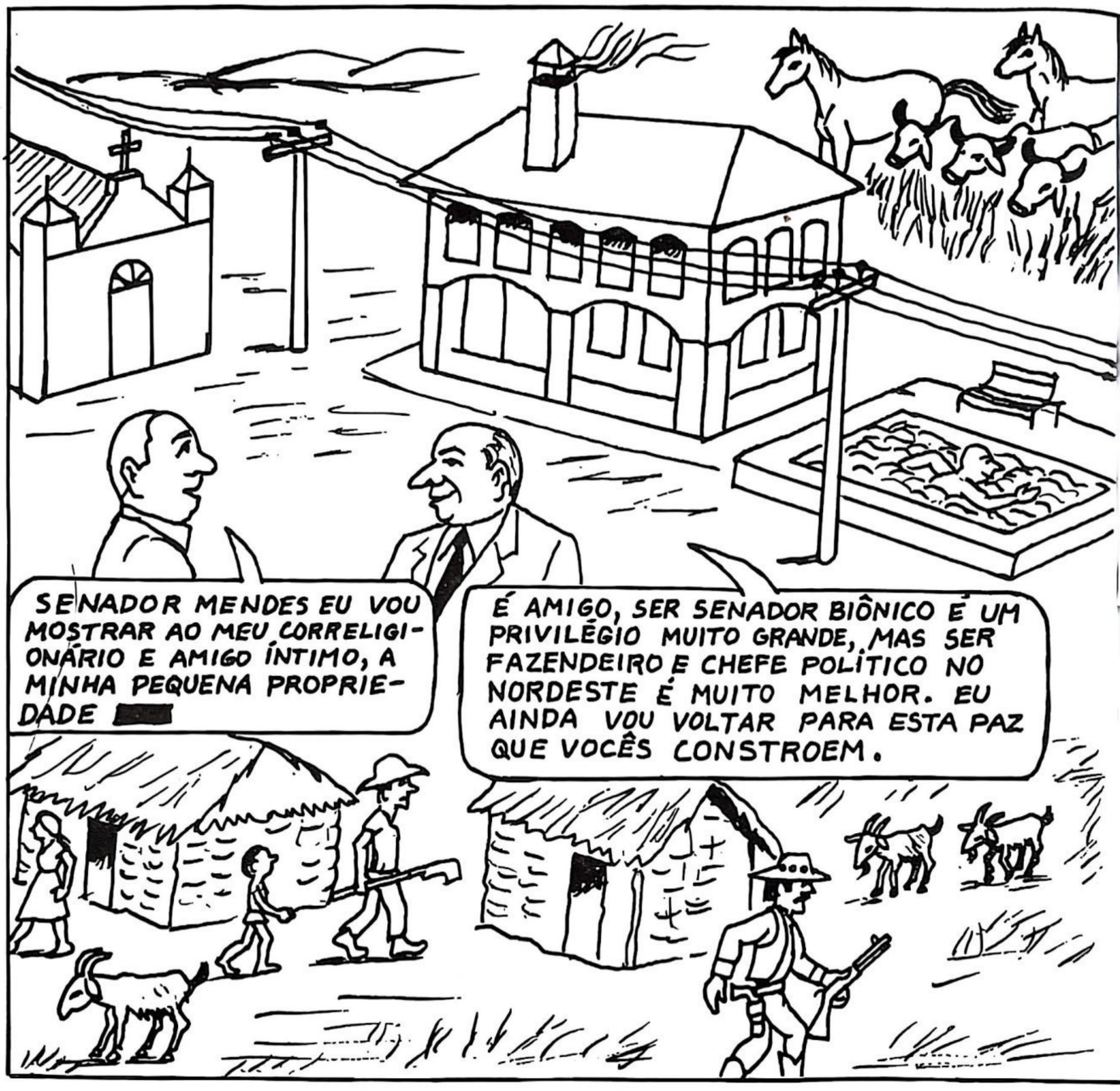
1. O que a gente já sabe sobre Canudos?
2. Por que esse assunto não era discutido nos encontros do povo?
3. Por que as pessoas, grupos, comunidades, entidades, políticos, artistas, trabalhadores, intelectuais, padres, estão se interessando por esse assunto?

QUESTÕES:

1. Vamos comparar os dois quadros.
2. Por que existem duas opiniões tão diferentes de Conselheiro?
3. De que maneira os opressores tentam hoje confundir as lideranças e o trabalho das bases populares?

QUESTÕES:

1. Discutir sobre o diálogo.
2. O que a gente acha de Conselheiro?
3. Por que os ricos destruíram o Movimento e a cidade que Conselheiro e os camponeses construíram?
4. O carrancismo ainda existe? Vamos contar fatos.
5. Existem hoje movimentos e lutas concretas que os ricos querem destruir?
6. Existem casos em que eles foram derrotados?

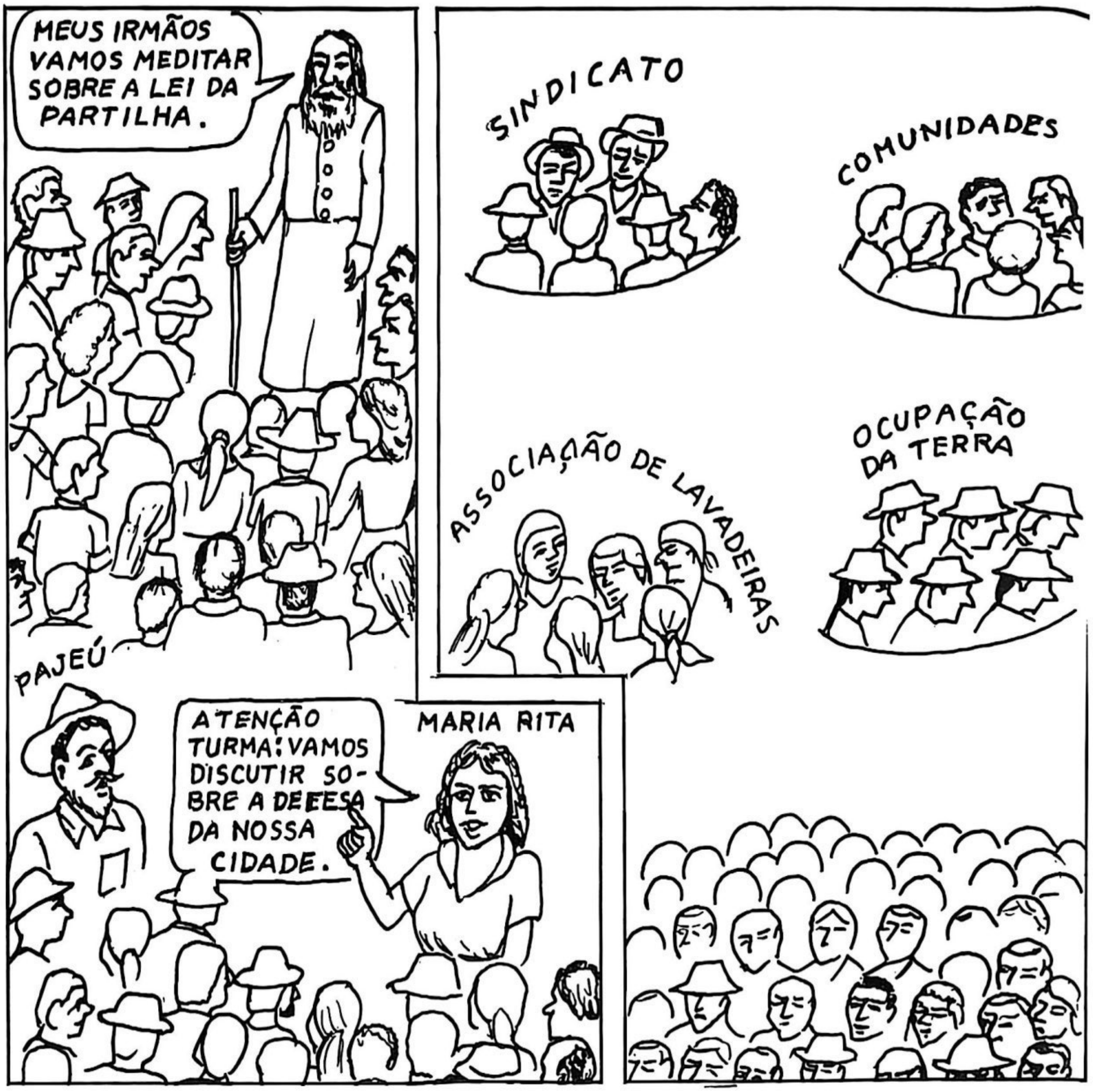


QUESTÕES:

1. No passado, mandava a força dos coronéis. E hoje, quem manda?
2. De que maneira o povo de Canudos enfrentou o poder dos coronéis? Por que?
3. De que maneira o povo deve enfrentar os coronéis de hoje?

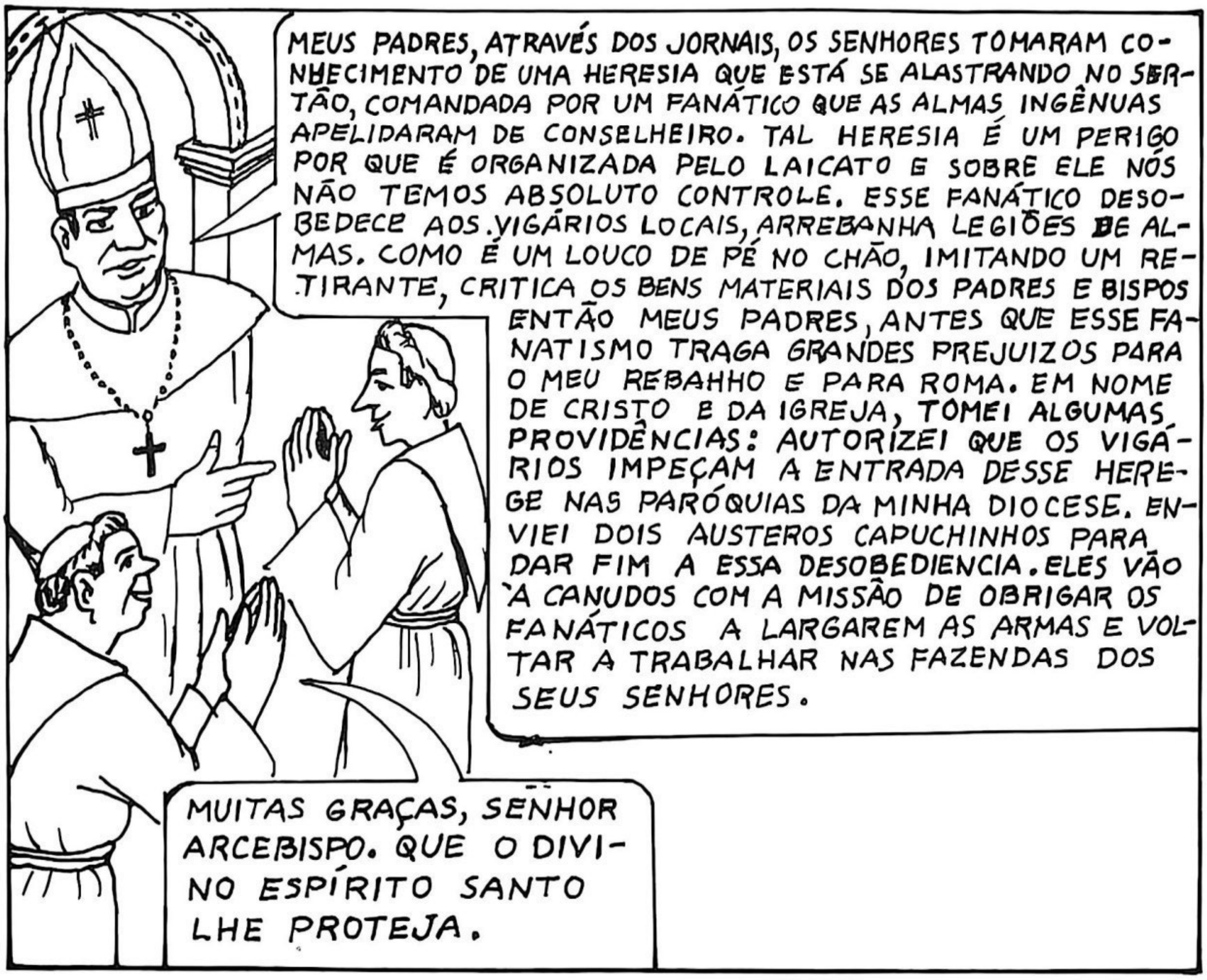
QUESTÕES:

1. A riqueza produzida antigamente ficava com quem? E hoje? Por que?
2. A maneira como o governo e os partidos governaram o nosso País sempre produziu fome e sofrimento. De que maneira podemos mudar esta situação?



QUESTÕES:

1. Nas organizações populares: movimento sindical, Movimento de Canudos, Movimento da Mulher, associação de lavadeiras, de mulheres, delegacias sindicais, mutirões, comunidades, partido político ... Como são as lideranças?
2. Conselheiro é um líder que: prepara, organiza, unifica o povo para uma luta ampla. As lideranças de hoje estão conseguindo organizar as massas; ou só atingem uma minoria? Por que? Que dificuldades essas lideranças encontram?
3. O que é necessário para os movimentos populares transformarem a sociedade?
4. Qual o papel que devem ter as minorias? Qual o papel que devem ter as massas? Qual o papel de minorias e massas dentro do processo de organização popular?
5. Feita essa discussão, vamos analisar os dois quadros. Com muita atenção.



QUESTÕES:

1. Qual a diferença que existe entre o jeito de Conselheiro evangelizar com o jeito dos padres e bispos?
2. Que diferença existia entre o trabalho da Igreja e o trabalho de Conselheiro?
3. Que linhas existem hoje nos movimentos populares, na evangelização? Que dificuldades trazem para a libertação, várias linhas para um objetivo só?

QUESTÕES:

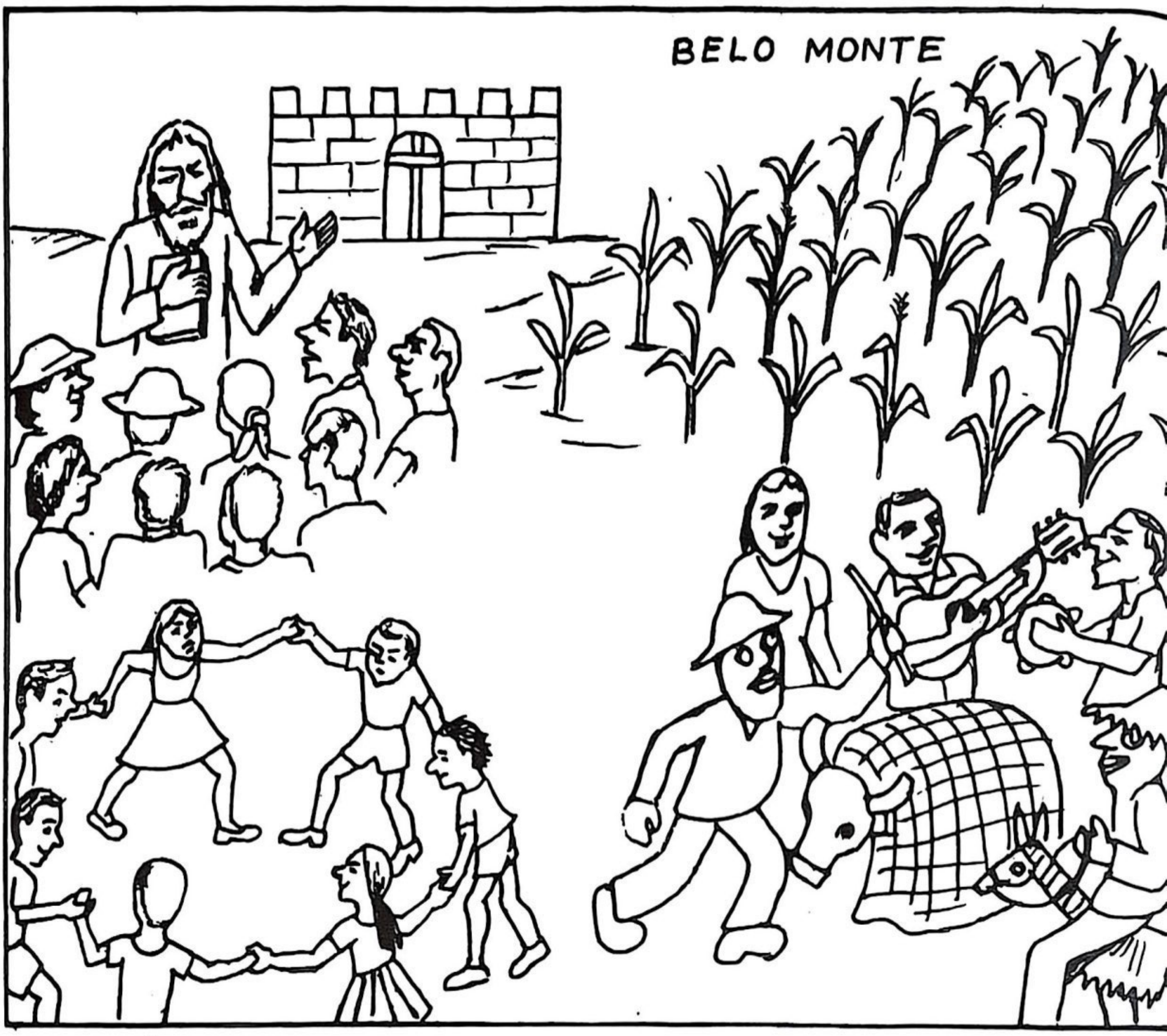
1. **Relatar lutas que certas categorias de trabalhadores faziam para mudar esta situação.**
2. **Que lutas o povo enfrenta hoje para mudar esta situação?**
3. **Quais são as esperanças concretas de hoje para acabar com esta violência dos opressores?**
4. **Quais as esperanças do povo que foram destruídas pelo massacre de Canudos?**

Ô MULHER, VOCÊ QUE PARTICIPA DESSE TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO ME EXPLICA COMO FOI QUE OS LAVRADORES DE CANUDOS, FRACOS, PEQUENOS, SEM ESCOLA, OCUPARAM AS TERRAS SEM MEDO? QUAL FOI O JEITO QUE ELES INVENTARAM PARA CONTROLAR E DISTRIBUIR AS RIQUEZAS PRODUZIDAS PARA TODOS. COMO FOI QUE ELES GOVERNARAM UMA CIDADE E TIVERAM PROGRESSO, SE HOJE TUDO É CONTROLADO POR QUEM TEM DINHEIRO. E ESTUDO, E SO TEM ATRASO PARA A GRANDE MAIORIA? TEM ATÉ GENTE QUE DIZ: SEM PATRÃO OS TRABALHADORES NÃO VIVEM. COMO É QUE EM CANUDOS JÁ VIVIA?

ORA MARIDO EU NÃO CONCORDO QUE OS TRABALHADORES SÃO FRACOS E PEQUENOS, QUE OS PATRÕES SÃO GRANDES E FORTES. GRANDE FOI A ORGANIZAÇÃO DO POVO DE CANUDOS. E A ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DE BASE DOS SINDICATOS INDEPENDENTES, DOS MOVIMENTOS NEGROS, DAS MULHERES DOS OPERARIOS NAS FÁBRICAS DOS MOVIMENTOS POPULARES. DOS TRABALHADORES ORGANIZADOS. SÃO FORTES E INVENCÍVEIS. NAQUELE TEMPO CANUDOS, QUILOMBOS, CONTESTADO, ETC. FORAM DESTRUIDOS PORQUE ERAM MOVIMENTOS ISOLADOS. TEM MEDO O TRABALHADOR QUE NÃO É CONSCIENTE, QUE ESTÁ ISOLADO DOS COMPANHEIROS. COMO EM CANUDOS NÃO EXISTIAM PATRÕES AS RIQUEZAS ERAM COLOCADAS A SERVIÇO DE TODOS. EM CANUDOS, FICOU PROVADO QUE OS TRABALHADORES NÃO PRECISAM. DE PATRÕES PARA VIVER. OS PATRÕES SIM, É QUE PRECISAM DO SUOR DOS TRABALHADORES PARA VIVER.

QUESTÕES:

1. Vamos conversar sobre os temas da cidade-comunitária de Canudos.
2. Vamos discutir sobre a conversa do casal.



QUESTÕES:

1. O que a gente diz desse quadro?
2. Em que as comunidades de hoje se parecem com a Comunidade de Canudos?
3. Por que a Igreja do Brasil demorou tanto para compreender e apoiar a criação das comunidades de base. E mesmo criando as comunidades não fez referência a Canudos?
4. Por que alguns setores da Igreja não aceitam trabalhar em comunidades terem esta experiência que tem a sua origem no povo da Bíblia?

1 Ô IZABEL, QUAIS SÃO AS NOVIDADES?

2 O QUE APARECEU DE NOVO É A NOSSA LUTA NA DELEGACIA SINDICAL. COMO ESTÁ PRÓXIMO O DIA 5 DE OUTUBRO, A NOSSA DISCUSSÃO É SOBRE O MOVIMENTO DE CANUDOS.

3 PRA QUE ISSO IZABEL? NÃO BASTA A HISTÓRIA DE HOJE?

4 NÃO JOÃO! A COMPREENSAO DO PASSADO AJUDA A EVITAR CERTOS ERROS E CONSTRUIR UM PRESENTE MELHOR.

5 QUAL É O TEMA QUE VOCÊS ESTÃO DISCUTINDO?

6 COMO ESTE É UM ANO DE ELEIÇÕES SINDICAIS E NÓS QUEREMOS EXPULSAR OS CORONÉIS E ELEGER UMA DIRETORIA COLETIVA, A GENTE ESTÁ DISCUTINDO SOBRE O PODER POPULAR QUE HAVIA EM CANUDOS.

7 VOCÈS ESTAO PERDENDO TEMPO IZABEL. SEMPRE NOS IMPUSERAM QUE O PODER É DE QUEM TEM DINHEIRO E ESTUDO. É DE UNS SOBRE OS OUTROS. COMO É QUE VOCÊS QUEREM INVENTAR UM PODER QUE É DE MUITOS?

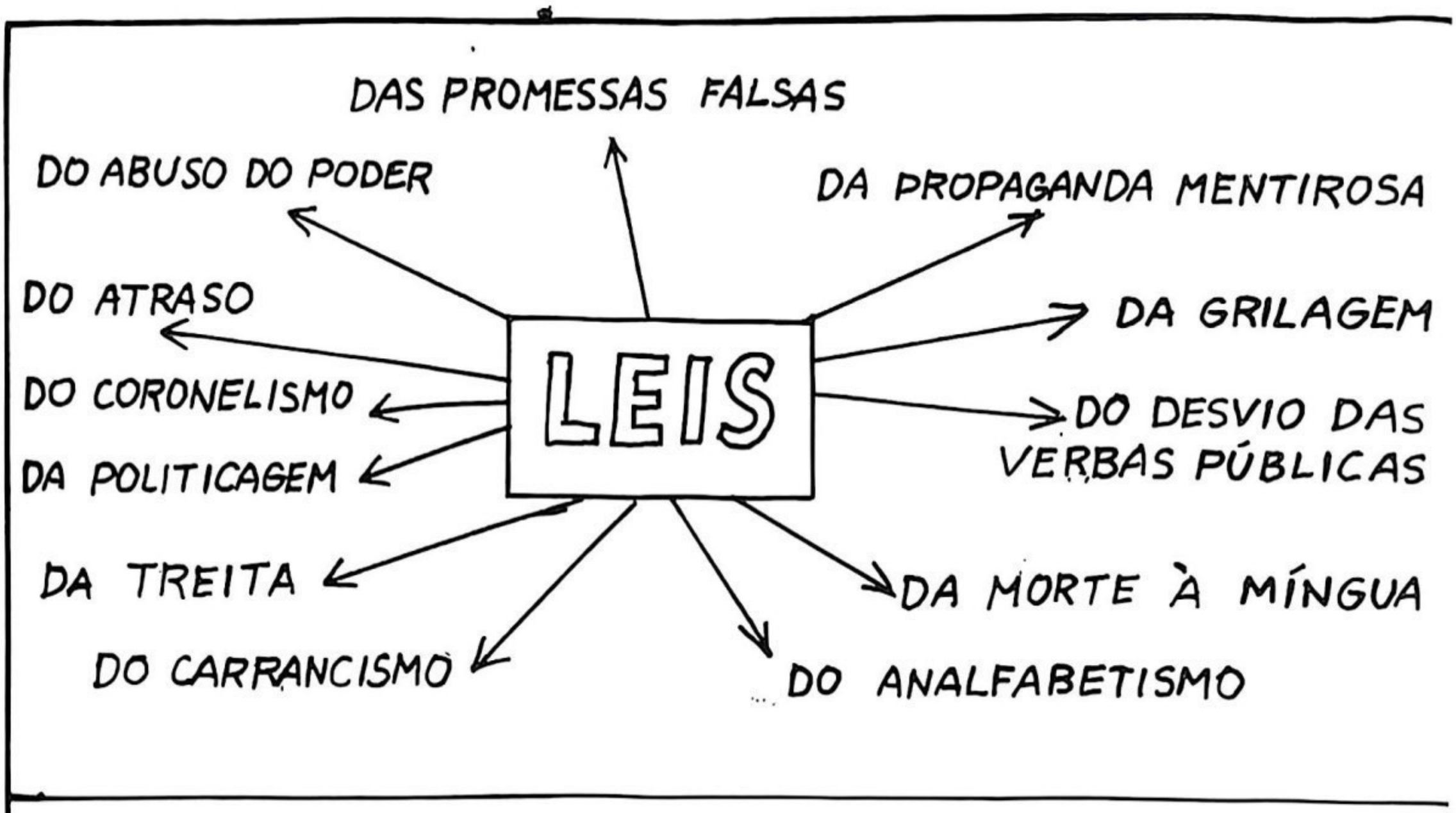
8 É O SEGUINTE JOÃO: O PODER EXISTENTE HOJE NO SINDICATO, NA POLÍTICA, ESTADO, IGREJA, PARTIDOS POLÍTICOS.

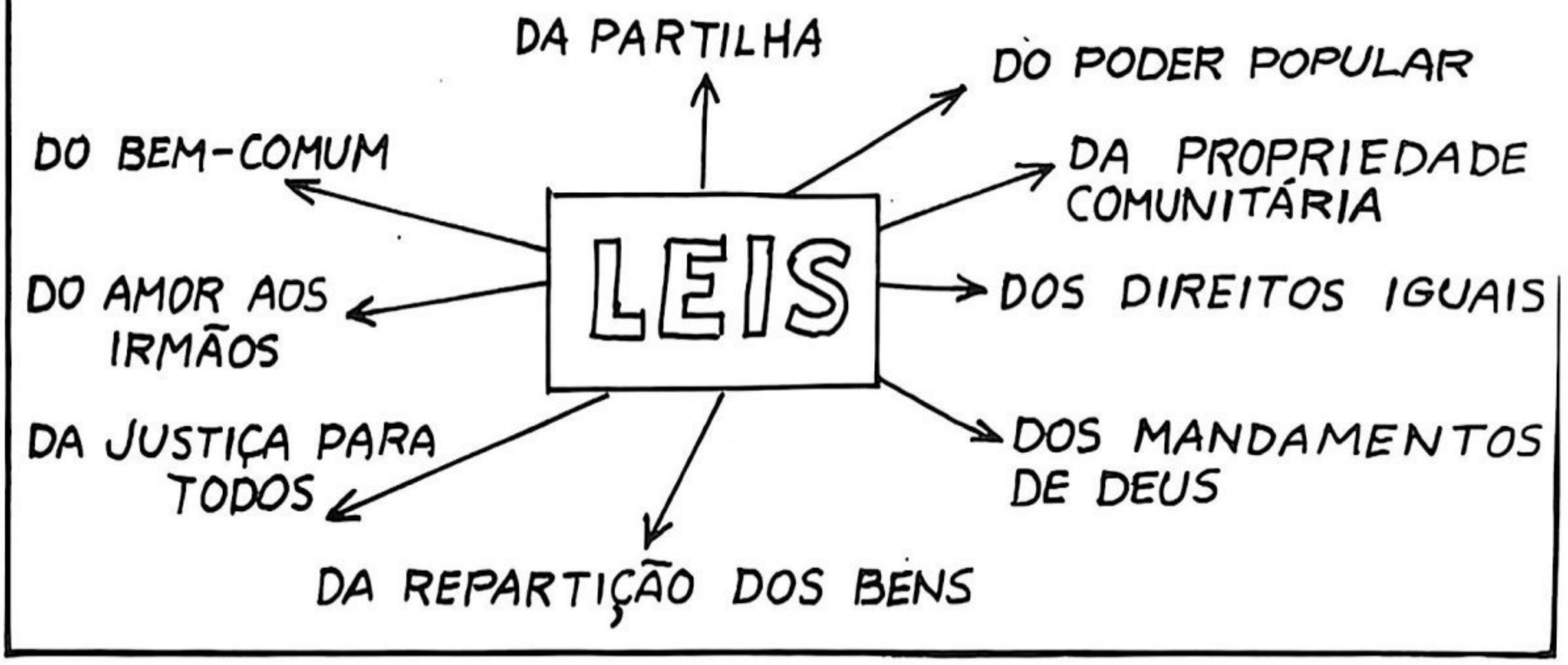
NA SOCIEDADE É DE UNS QUE MANDAM SOBRE OS OUTROS.

9 MAS NÓS QUEREMOS UMA SOCIEDADE DIFERENTE, ONDE AS SUGESTÕES, O PLANEJAMENTO, AS DECISÕES E TODO O PODER SEJA POPULAR, DA MAIORIA.

QUESTÕES:

1. Vamos dar um exemplo de uma experiência onde o povo é quem governa.
2. Por que o poder popular de Canudos mexeu com os ricos?
3. Quais são as experiências e movimentos que estão resgatando esta proposta de Poder Popular?





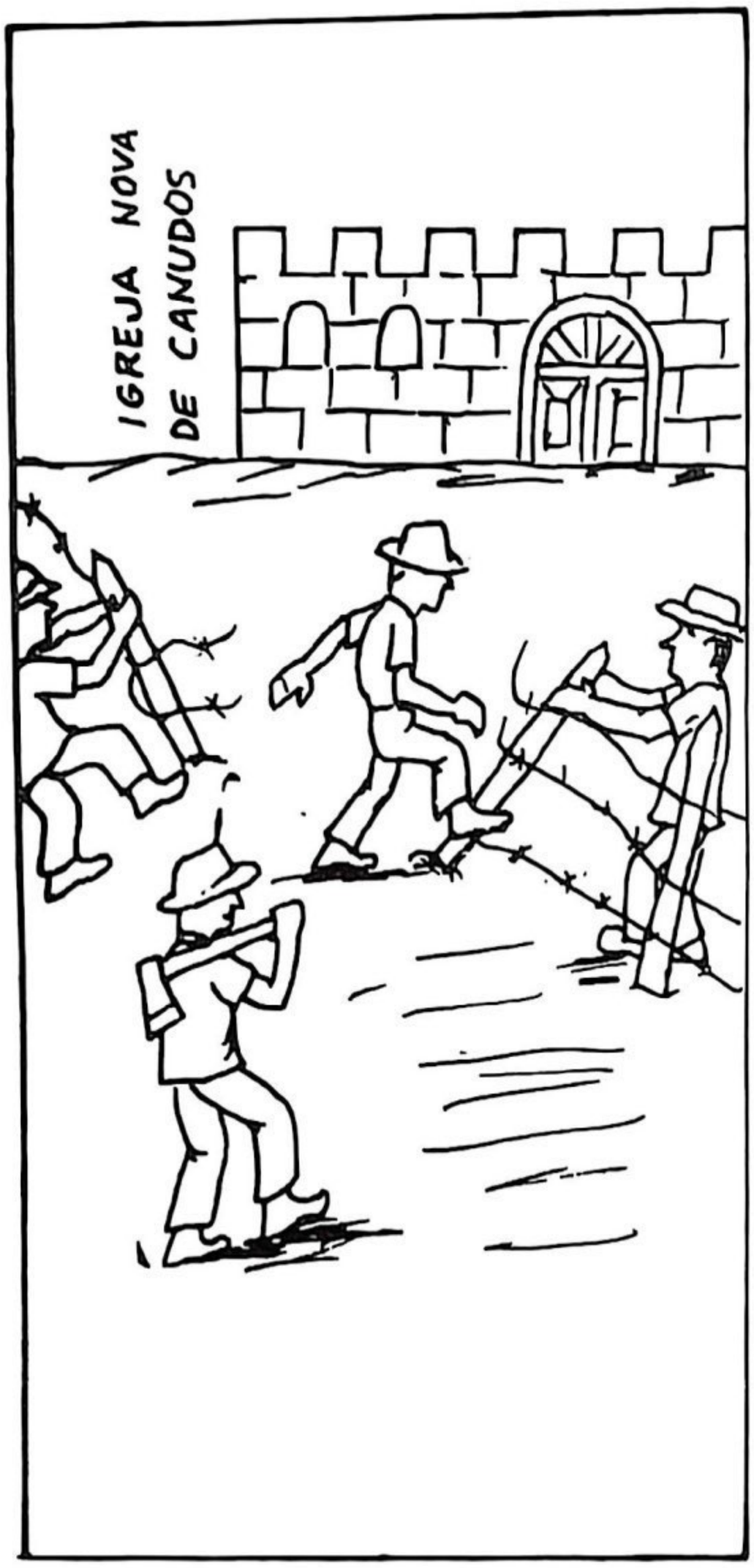
QUESTÕES:

1. Vamos estudar os dois quadros de leis.
2. Pra que servem as leis do carrancismo? Por que?
3. Que diferença existe entre:
   as leis do carrancismo
   as leis da prática popular?
4. Como o povo que luta vai fazer as suas próprias leis?

3. Que diferença existe entre as leis do carrancismo e as leis da prática popular?

QUESTÕES:

1. Vamos juntar os conhecimentos que temos e analisar como foi feita a distribuição das terras, desde que Portugal invadiu o País até hoje?
2. Vamos juntar os conhecimentos que temos sobre o Nordeste, sobre as secas e sobre a água e discutir: por que os governos, políticos e presidentes, se recusam a colocar em prática uma política para reservar água e irrigar o Nordeste, para acabar com a sede e com a seca?
3. Vamos juntar os conhecimentos que temos sobre comunidades, desde o tempo da Bíblia até hoje. Por que a Igreja ao invés de protejer, se colocou contra Canudos?
4. Vamos juntar os conhecimentos que temos dos movimentos de libertação do Nordeste e do País e analisar os saldos positivos desses movimentos.



COMPADRE BALBINO: NÓS CATÓLICOS PRATICANTES, HOMENS DO DIREITO E RESPEITADORES DA MORAL. PARA DAR CONFORTO ÀS NOSSAS FAMILIAS E CONSEGUIR ALGUNS BENS, FOI COM MUITO SACRIFÍCIO. AGORA NÓS ESTAMOS VENDO QUE ESTÁ FALTANDO QUEM TRABALHE NAS NOSSAS FAZENDAS. DEPOIS QUE OS FANÁTICOS E AGITADORES COMEÇARAM A OUVIR OS SERMÕES DAQUELE URUBU DE SAIA, CHAMADO CONSELHEIRO, NINGUEM QUER MAIS TRABALHAR PARA CORONEL.

POIS EU SÓ VEUO UMA SAÍDA COMPADRE BALA NELES. SE NÓS NÃO DERMOS JEITO, VAMOS PRECIONAR O NOSSO GOVERNADOR LUIZ VIANA, QUE É DE UMA FAMILIA DE HONRADOS CORONEIS.

QUESTÕES:

1. Vamos analisar a ação dos camponeses.
2. Vamos analisar a conversa dos coronéis.
3. Como estão agindo hoje os patrões e os coronéis da terra?

Na Constituição do País, quem trabalha e mora na terra tem direito à terra. Na Bíblia, Deus é o único proprietário da terra e deu esta propriedade para os homens e mulheres trabalharem, governarem e construírem uma sociedade de irmãos. Quando o rei de Portugal grilou as terras do Brasil, que eram habitadas pelos povos indígenas, se achou no direito de proprietário e dividiu as terras com algumas famílias influentes. Cada pedaço se chamou sesmaria. De lá para cá criaram muitas leis. Mas estas leis não estão a serviço dos trabalhadores, nem estão punindo os grileiros e os projetos ilegais de concentração das terras. Esta concentração violenta tem causado milhares de mortes e deu origem ao ciclo das invasões: dos gringos, das empresas nacionais e multinacionais, dos políticos, dos fazendeiros etc. Estas invasões, em toda a história do País, têm a garantia do aparelho policial-militar e de juízes. E tanto os governos como os partidos políticos têm dado apoio a estas invasões violentas, do confisco das terras dos índios e camponeses, seus legítimos donos. Mas ainda: estas autoridades, em vários momentos da nossa história, têm permitido matanças de populações inteiras, para garantir latifúndios nas mãos de uma minoria opressora que não mora nem trabalha nela. Enfim, da Monarquia à Nova República, só os camponeses e índios são privados de ter terra e assistência técnico-econômica. Apesar do Estado reconhecer que são as pequenas propriedades que dão trabalho ao homem e à mulher do campo e que produzem os alimentos de que a Nação precisa.

QUESTÕES:

1. Com que interesse os governos e partidos políticos mantêm esta política violenta de concentração das terras? Vamos juntar os conhecimentos que temos sobre a situação das terras nesses 500 anos e conversar.
2. Por que o povo brasileiro não conseguiu forçar o governo a mudar esta política?

3. A Reforma Agrária de Canudos foi a base do desenvolvimento dos seus moradores. O que deve ser feito para construir um desenvolvimento a serviço de todos?
4. Analisando a história dos partidos políticos: tem gente dentro destes partidos que defendem a Reforma Agrária e combatem a grilagem?

QUESTÕES:

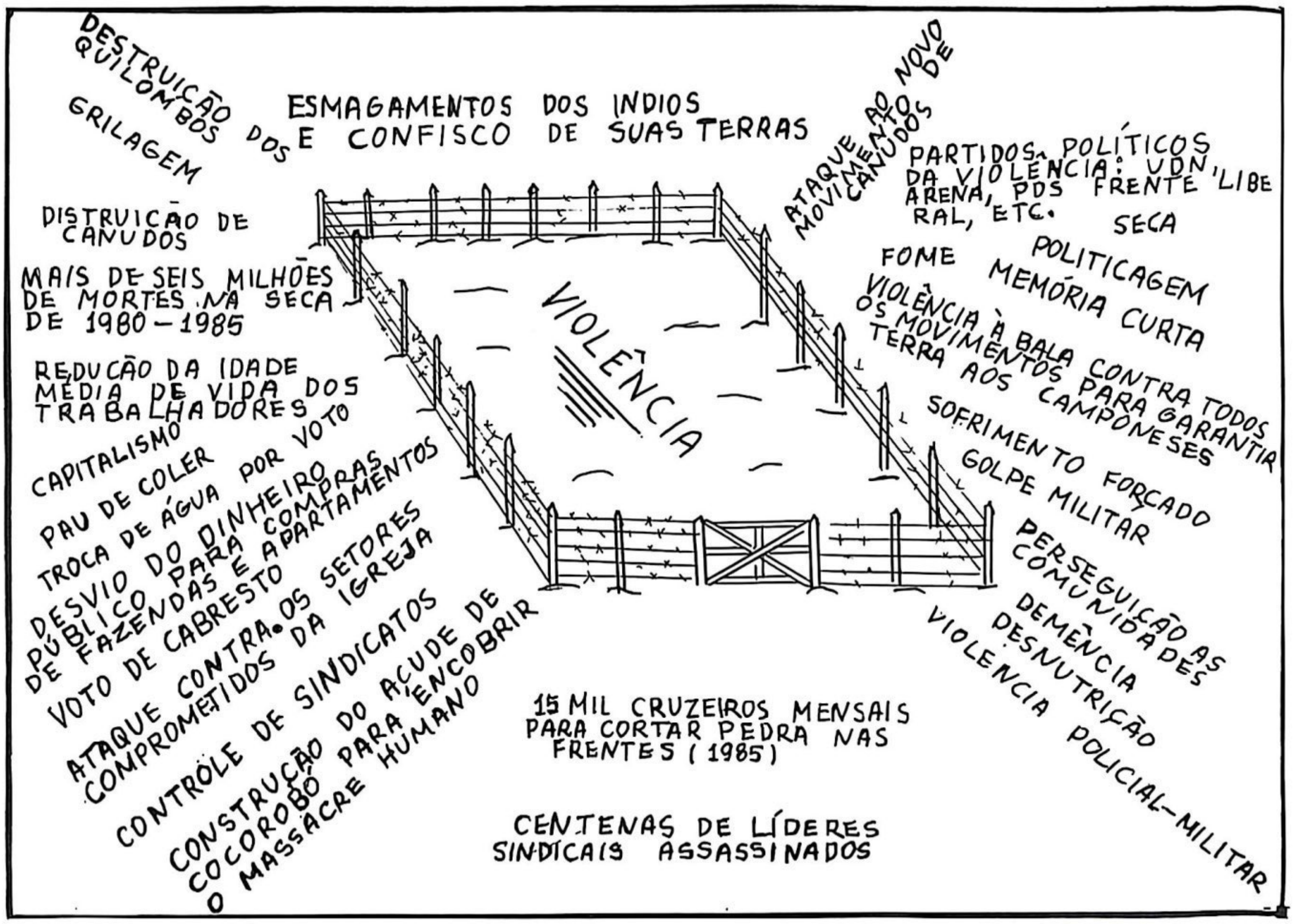
1. Quais as mentiras que os opressores inventam hoje?
2. Vamos analisar as diversas posições.
3. Quais as posições das autoridades de hoje diante das lutas de libertação do povo?
4. Será que estas autoridades ainda contam com o apoio da sociedade para fazer o que fizeram em Canudos?
5. Será que a Igreja ainda pode apoiar matanças e golpes militares nos dias de hoje?

Ô GENTE, ESTA É A MINHA SEXTA GRAVIDEZ. NENHUM DOS MEUS PARTOS VINGOU. A PARTEIRA DISSE QUE É PORQUE EU SOU DESNUTRIDA. SERÁ QUE ESSA CRIANÇA VAI SE CRIAR? SE ELA SE CRIAR, SERÁ QUE VAI TER MEMÓRIA PARA ESTUDAR E SE DESENVOLVER COMO GENTE?

É COMADRE, OS OPRESSORES PROIBEM A GENTE DE SEALIMENTAR E DEPOIS AINDA FALAM QUE O POVO TRABALHADOR TEM MEMÓRIA CURTA. COMO SE FOSSE POUCA A VIOLÊNCIA DO ATRASO PLANEJADO POR ELES; SE AINDA É POUCO MANTER O NORDESTE COMO UMA FÁBRICA DE DOR E DE SOFRIMENTO; OS POLITIQUEIROS MATAM A GENTE À MÍNGUA E OBRIGAM OS NOSSOS FILHOS E FILHAS A CRESCER SEM MEMÓRIA. E ASSIM ESQUECEM TUDO. ATÉ A VIOLÊNCIA QUE ELES PRATICAM CONTRA NÓS. NUM JÁ VIU O QUE ELES FIZERAM EM CANUDOS: MATARAM O POVO, DESTRUIRAM A CIDADE, COBRIRAM O LOCAL COM ÁGUA, PARA TODO MUNDO ESQUECER. DEPOIS OBRIGARAM A GENTE A ACREDITAR NAS MENTIRAS DELES.

QUESTÕES:

1. **Por que os opressores querem o povo trabalhador demente e sem memória?**
2. **Por que eles querem que o povo lembre só as coisas que interessam a eles?**
3. **Por que eles querem que o povo esqueça os fatos que interessam ao povo humilde?**



QUESTÕES:

1. Vamos estudar os conhecimentos que temos do passado e do presente e estudar as causas desta violência.
2. Quais os meios e os instrumentos que o povo pode usar para combater e acabar com esta violência dos opressores?
3. Qual a finalidade desta violência?

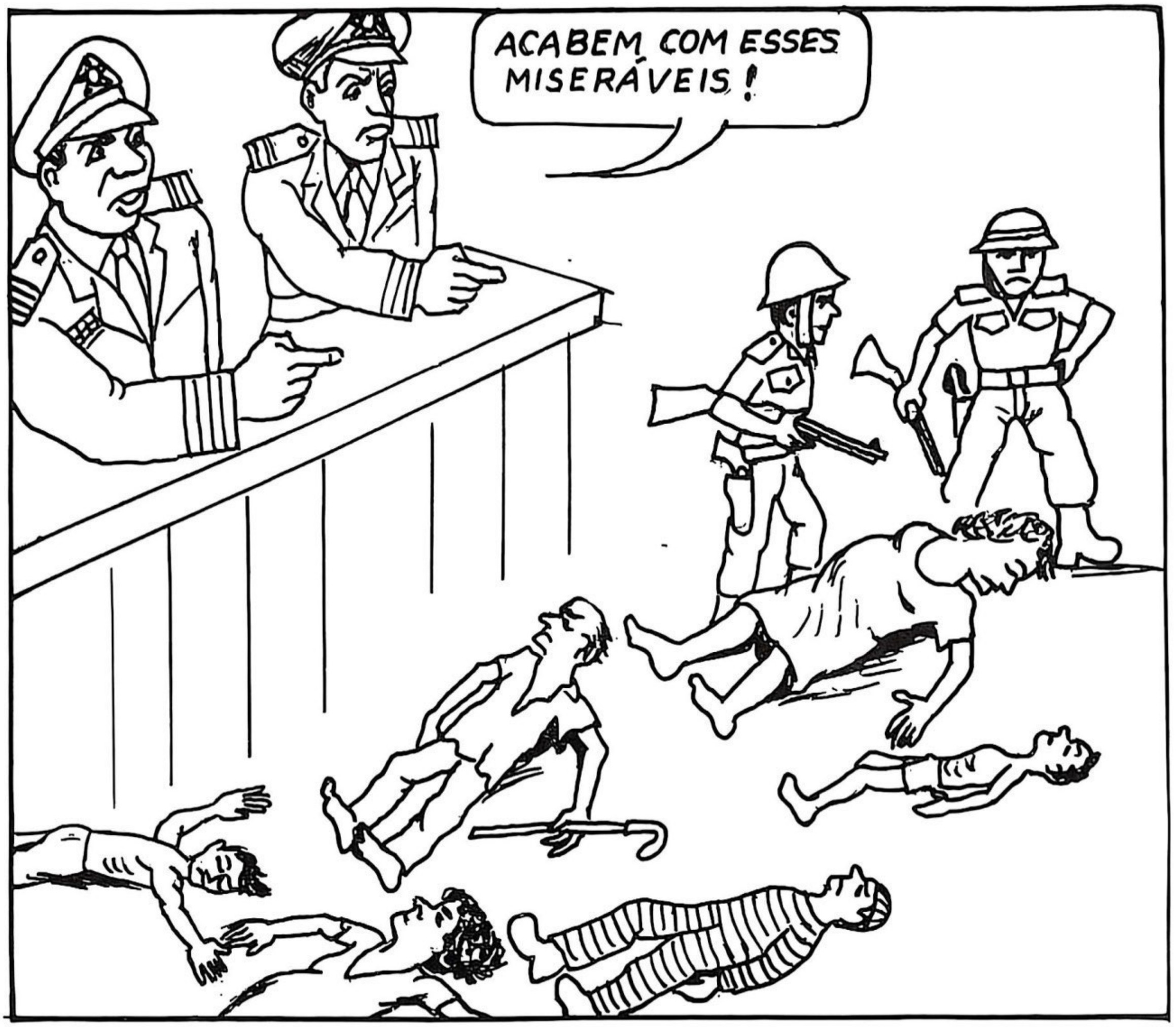
ESTÁ VENDO SENHOR GOVERNADOR? JÁ TEM MUITA GENTE ENTENDENDO DE POLÍTICA, DE ECONOMIA, DISCUTINDO SOBRE A CORRUPÇÃO QUE EXISTE ENTRE AS AUTORIDADES. UNS SETORES CRITICAM AS MORDOMIAS, OUTROS DENUNCIAM A PROTEÇÃO QUE DAMOS ÀS EMPRESAS MULTINACIONAIS; ALEGAM QUE NÓS, MILITARES, SÓ PROTEJEMOS NOSSOS INTERESSES E DA BURGUESIA, ENQUANTO A MAIORIA DO POVO BRASILEIRO ESTÁ NU E COM FOME. AS MASSAS ESTÃO ESCLARECIDAS. O POVO QUER ELEIÇÕES DIRETAS PARA PRESIDENTE, QUEREM UMA NEGOCIAÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA QUE RESPEITE OS DIREITOS DO POVO. QUEREM ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE. SERÁ QUE NÃO ESTÁ NA HORA DE TOMAR CONTA DE TUDO NOVAMENTE?

TEMOS QUE ANALISAR BEM A SITUAÇÃO, GENERAL. A BURGUESIA ESTÁ DIVIDIDA. A CLASSE MÉDIA, DESCONTENTE. MUITOS SETORES CAMPONESES ESTÃO SE ORGANIZANDO, O MOVIMENTO OPERÁRIO E SINDICAL ESTÁ NOS AMEACANDO. E O QUE É MAIS GRAVE: NO DIA EM QUE ESSE POVO DESCOBRIR. QUE A PARTILHA DA TERRA E DAS RIQUEZAS É POSSÍVEL, COMO FOI FEITO EM CANUDOS. E NO POVO DA BÍBLIA A SITUAÇÃO VAI MUDAR.

TEM MAIS UM DADO QUE É MUITO IMPORTANTE, MEUS CORRELIGIONÁRIOS: UM GRANDE SETOR DA IGREJA, FAZ UM TRABALHO DE CONSCIENTIZACÃO E ORGANIZACÃO DO POVO. ESSE SETOR TOMOU CONSCIÊNCIA DA NOSSA AÇÃO PERMANENTE CONTRA O POVO E SE VIROU CONTRA TODAS AS FORÇAS QUE OPRIMEM E EXPLORAM O POVO.

QUESTÕES:

1. Por que o Presidente e os governos estaduais não estão tendo forças para por em prática a Reforma Agrária ampla no País, de acordo com a proposta dos trabalhadores?
2. Se o governo não tem força para por em prática a Reforma Agrária, por que o governo dá forças aos grileiros e políticos para invadir as terras dos camponeses?
3. Por que em plena Nova República a situação do povo está piorando? a dívida externa crescendo, o desemprego aumentando, a marginalização se ampliando?
4. De que lado está a Igreja de nosso lugar? Por que?

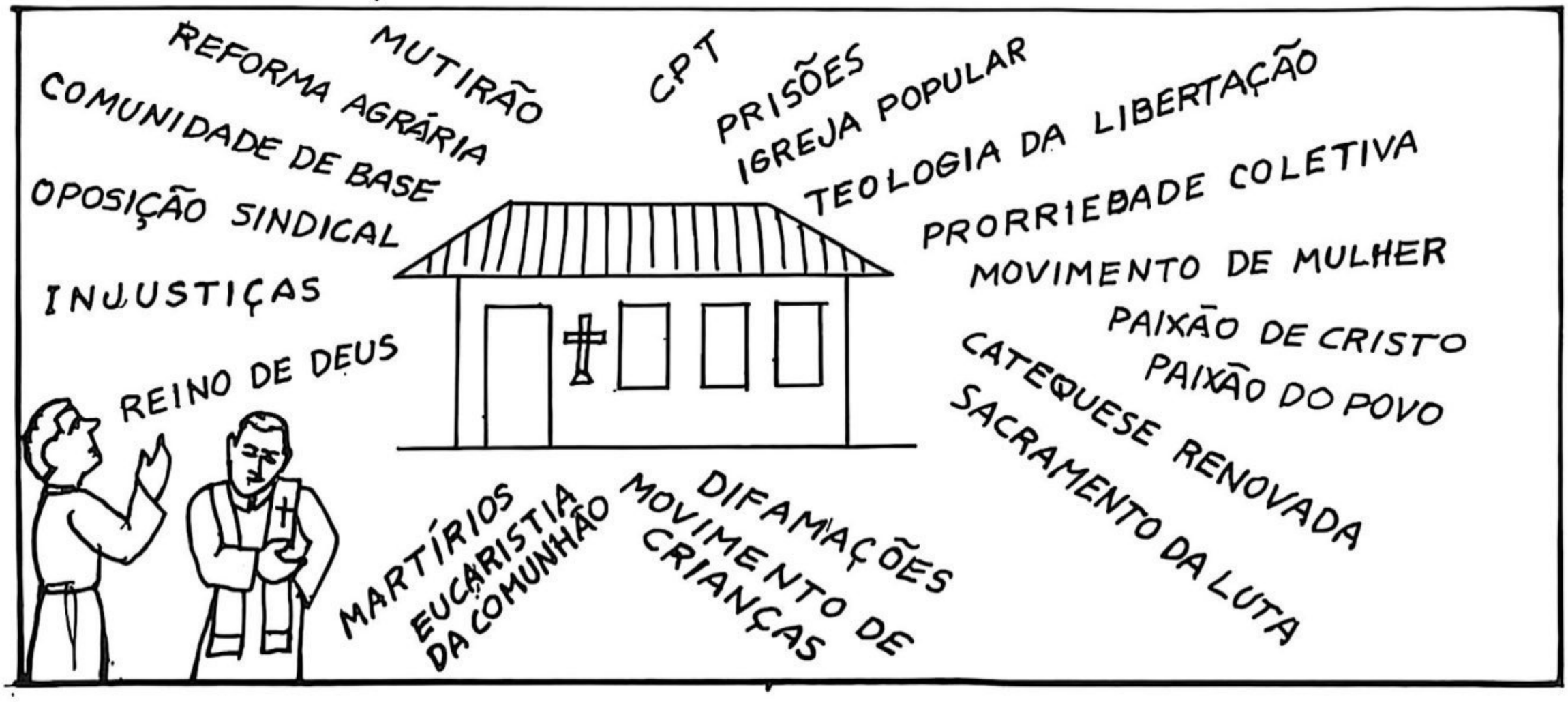


QUESTÕES:

1. Vamos analisar o quadro.
2. Para que servem os militares? Qual é o papel deles?
3. Vamos analisar a atuação dos militares em Canudos e em outros episódios do Brasil. Por que?
4. Vamos analisar a atuação dos militares nos últimos 22 anos.

QUESTÕES:

1. **Vamos estudar o quadro.**
2. **Vamos estudar o texto.**
3. **Quais são as violências que hoje estalam os nervos do povo?**
4. **Como a gente analisa a resistência heróica dos camponeses, numa guerra que durou um ano?**



QUESTÕES:

1. Como a gente analisa a posição dos dois bispos?
2. Como a gente analisa a posição dos dois padres?
3. Como a gente analisa a posição da Igreja frente à comunidade de Canudos?
4. Que mudanças está havendo em certos setores da Igreja? O que a gente diz dessas mudanças?

QUESTÕES:

1. O que a gente entendeu desse mapa?
2. O que podemos fazer para juntar mais as organizações do povo?

CANUDOS, CAPÍTULO IMPORTANTE DA NOSSA HISTÓRIA

Canudos pertence aos capítulos mais importantes da história deste País. O Novo Movimento está empenhado na tarefa de resgate da história e da experiência concreta e da luta heróica dos camponeses do Belo Monte.

Já devia ter sido esclarecido ao povo humilde os verdadeiros motivos daquela guerra que destruiu a cidade dos camponeses e que deixou um prejuízo de 25.000 vidas para aquela gente sofrida do sertão brasileiro. Isso sem falar da devastação da natureza e dos estragos materiais. Depois de longos tempos deve-se perguntar: quanto deveria valer, em 1897, uma cidade de 25.000 habitantes, construída e governada por gente pobre; com indústria de exportação de peles; com monumentos que nem os canhões destruíram? E todo esse patrimônio coletivo foi incendiado só para satisfazer o orgulho de uma minoria insaciável!

Se o sertão esperou em silêncio e mágoa, quase um século para despertar no povo o interesse por esse assunto é que o nível de organização popular era frágil para sobreviver frente aos ataques das oligarquias da Bahia.

90 anos depois ao refletirmos sobre a luta daquele povo massacrado, é bem difícil levantar dúvidas da reação armada dos discípulos de Conselheiro. E quando isto é feito, tem, no mínimo, a intenção de ignorar o direito dos camponeses à defesa de um patrimônio construído com muito sacrifício e condenado à destruição pelo senhores do poder. Tal condenação, levada a efeito pelas leis do carrancismo, passou por cima da experiência comunitária e decretou a sentença de Canudos. Qualquer que fosse a posição tomada por Conselheiro e sua gente. Diante de tamanha agressão, teria que ser feita uma escolha: combater ou sucumbir covardemente na madrugada da degola. Os canudenses decidiram pelo combate, até ao último fio de vida.

Quem sabe se os governantes da época recusaram em conviver com tão avançado sistema de partilha, que a lição de vida comunitária ficasse gravada na memória das gerações futuras. Estas sim, talvez colocassem em prática o ideal daquela comunidade. Esta disposição de luta dos camponeses do passado fica como testemunho para os camponeses de hoje, na preparação de grandes movimentos de massa pela conquista da terra, da justiça social, da liberdade, da transformação do Nordeste rumo ao desenvolvimento global do seu povo e da preservação da natureza.

2. O Papel da Igreja no Resgate de Canudos

A primeira grande manifestação pública do Movimento contou com o apoio de representantes da Igreja simpáticos com a causa de Canudos. Porém, a criação e sustentação do Movimento ficou por conta das Comunidades de Base, assessores do movimento sindical, técnicos, mulheres, jovens, políticos da região, identificados com as lutas de libertação do povo. O novo Canudos que rebenta das profundezas do Cocorobó é fruto do trabalho popular, enriquecido com as mais belas tradições místicas do sertão. As comunidades têm um papel decisivo no Movimento e dele se alimentam, nesta nova construção do Canudos do Povo.

3. A Discussão nos Meios Populares

A partir de 1982, nesta área batizada de "Sertão de Canudos", o tema Canudos passou a ser discutido pelos meios populares. O sertão, vencendo o medo da matadeira, volta a meditar sobre a luta guerreira do Belo Monte com muita disposição. Esse assunto chamou a atenção das comunidades, dos sindicatos das massas camponesas. Canudos foi outra vez se incorporando aos sonhos do povo, à fé, à cultura, tornando-se um marco das lutas que vão cultivar as novas experiências igualitárias do sertão. O resgate daquela história contribuiu para a caminhada de libertação do povo, abrindo a sua discussão nos mais variados ambientes sociais.

4. A Imprensa

O jornal "A Tarde", de Salvador, edição de 26.7.1984, analisou as atividades preparatórias da Primeira Missa pelos Mártires de Canudos como repetição de atos de "fanatismo" tipo "manifestação de histórico caráter revanchista". O editorial "Preparando a Guerrilha" de estilo mal-intencionado, confirma a posição agressiva de certos grupos econômico-políticos da Bahia. Para esses grupos, Canudos era assunto encerrado, tema maldito. Como nos velhos tempos, recusaram-se a ouvir a Coordenação do Movimento para

poder assumir uma posição correta sobre as manifestações de Canudos. A revista "Veja", de 8.8.84, noticiou como "Missa ao Herege", ao contrário da afirmação de Dom Angélico, bispo de São Paulo, citado na mesma matéria: "Canudos e Conselheiro têm papéis preponderantes na tarefa de revisão da História do Brasil". O "Jornal de Brasília", de 12.8.84, fez a seguinte colocação: "Canudos não foi um movimento de fanáticos e ignorantes, mas uma resistência coletiva sob a liderança de um homem que já era calejado na defesa dos oprimidos ... Conselheiro era um rábula, um líder popular e carismático que aglutinou o povo na defesa dos seus direitos fundamentais de sobrevivência. A história oficial em relação ao episódio está toda errada e agora chegou a hora do povo, principalmente do sertão, saber da verdade". O jornal "O Tabuleiro", da região, acrescenta: "foi o latifúndio aliado ao capitalismo ... o responsável direto pelo massacre ... as águas cobriram a verdade porque parecia que o governo estava envergonhado pelo que fez ... Das cinzas e escombros levanta-se novamente Canudos. Quase 100 anos se passaram do sufocamento da mais rica experiência revolucionária nascida nos sertões da Bahia, e condenada pelos senhores das terras a não figurar nas páginas da história. Renascem com maior intensidade, no espírito do sertanejo o desejo e a crença na realização da justiça social ... O problema da terra continua exigindo que a resistência do sertanejo vá além das fronteiras da capacidade humana, tal como se deu com os discípulos de Conselheiro." (outubro de 1985). "Ao cao de um ano de inomináveis atrocidades, Canudos foi atrozmente bombardeada, arrasada do mapa e, hoje, as suas ruínas jazem sepultadas sob as águas ... como que a abafar os brados de justiça daquela gente nordestina contra as injustiças que ainda hoje se perpetram no Nordeste" (Cônego Geraldo Monteiro "Gazeta Leopoldina", setembro de 1985).

5. Proposta do Novo Movimento Histórico de Canudos

1. Registrar no calendário histórico do Brasil, o cinco de outubro, data do término da guerra, quando os camponeses e demais segmentos sociais, virão a Canudos anualmente celebrar a memória dos seus mártires.

2. Denunciar o massacre de Canudos e tantos outros praticados no País pelas forças opressoras, contra as organizações civis, num claro atentado à democracia, à independência da Nação, às experiências comunitárias, ao direito de morar e trabalhar na terra, ao direito à participação dos setores populares no desenvolvimento sócio-político-ambiental-econômico do sertão e do Nordeste.

3. Desmistificar a visão falsa que foi ensinada ao povo, sobre Conselheiros e Canudos, para justificar a violência dos senhores: políticos, militares, latifundiários, todas aquelas forças que transformaram Canudos num cemitério de ossos, o Vasa-Barris, num vale de lágrimas e o Nordeste, numa fábrica de tormentos sem fim.

4. Defender a área da guerra, como zona livre, sem a agressão do arame, aberta à visitação coletiva de estudiosos e romeiros que por ali passarem com o propósito de exaltar a luta daquele povo bravo e contemplar os seus mortos. O Novo Movimento não poderia abrir mão desse direito, em nome dos mártires, da fé, da vida, da liberdade. Esta reivindicação parte da seguinte posição: em vista dos estragos humanos praticados pelas classes dominantes, só o próprio povo, identificado com os ideais de Canudos, pode reivindiar para si o direito de proteção a este local santo. As comunidades e os movimentos populares do sertão decidiram transformar a área dos combates no Santuário das Comunidades, entregue ao País, livre de qualquer presença que manche a memória daqueles que tombaram na guerra.

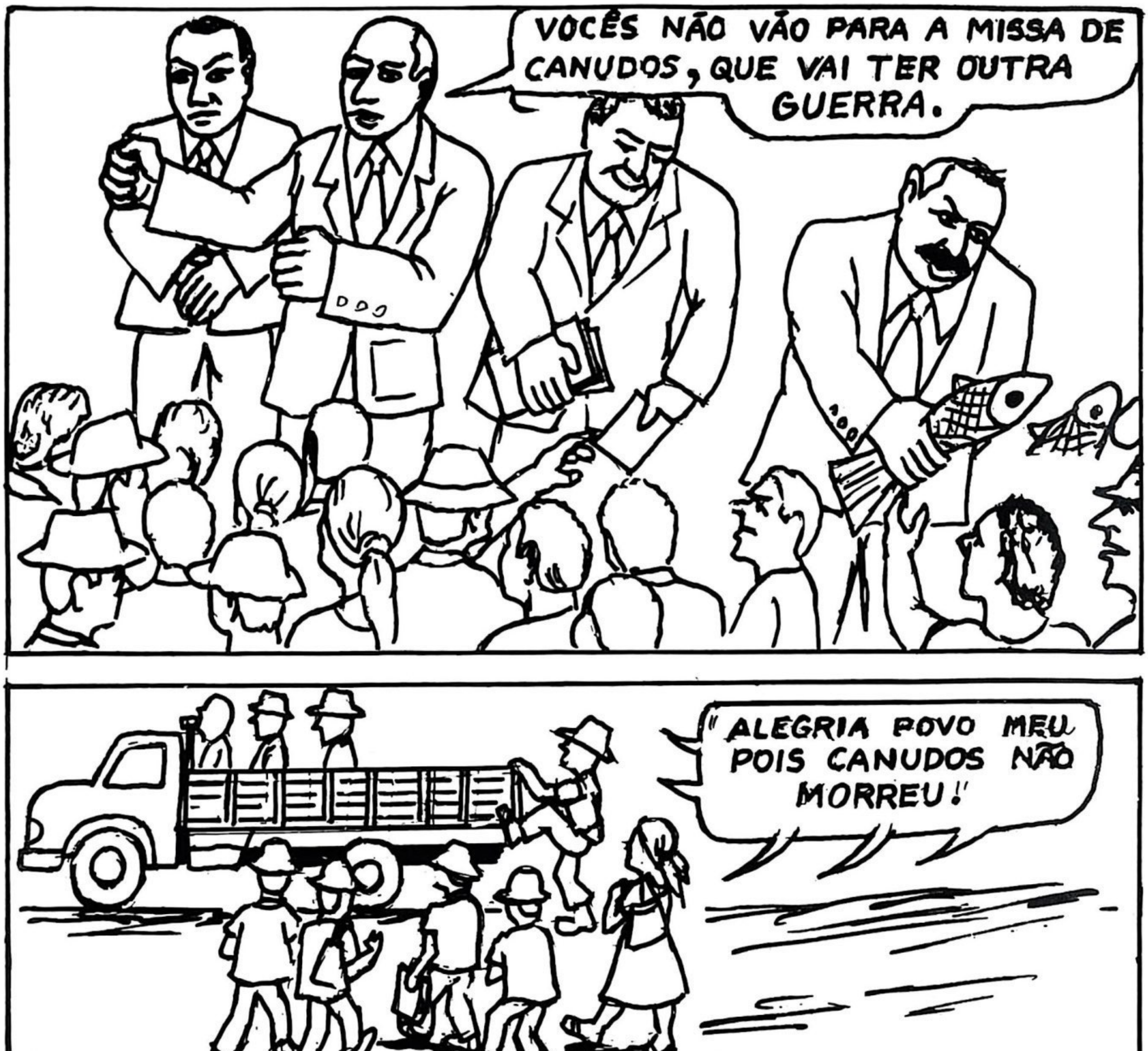
5. Garantir o direito dos trabalhadores à exploração e proteção do criatório, da pesca, da fauna, da agricultura, em toda a área do açude (40km). Se na ditadura esse açude serviu de monumento para esconder o genocídio, deve a Nova República oferecer assistência técnico-econômica aos camponeses, criadores e pescadores, tornando esta área totalmente produtiva para suprir as necessidades do povo da região.

6. Cobrar esclarecimentos sobre o projeto do governo, em nome do turismo e da pesquisa, tentando retirar, pela terceira vez, dezenas de famílias da área, sem esclarecimentos sobre o que está por trás do projeto, sem negociação legítima, dividindo os moradores, e o que é mais grave: ignorando os aspectos afetivo e religioso que ligam os camponeses e as comunidades àquele local. Este método que está sendo utilizado confirma a continuidade da agressão oficial contra a causa de Canudos.

6. A Resposta dos Opressores

Os grupos dominantes que atuam dentro e fora do sertão, cujo papel já é muito conhecido: atear fogo nos movimentos dos trabalhadores não medirem

esforços no sentido de atacar as comunidades, desmoralizar a Coordenação e intimidar os grupos que apóiam a causa de Canudos. Antes e depois da Primeira Missa de 24.7.84, esses setores usaram todo o seu poder, através de panfletos, jornais, rádio, para atingir o seu plano: chamar a atenção dos dirigentes da ditadura para uma ação mais enérgica contra o Movimento e espalhar o terrorismo psicológico na região, despertando uma onda de medo na população. Os prefeitos da região se mobilizaram para impedir que o povo participasse da Missa. Houve casos de pais e mães de famílias que ao tomarem o transporte para Canudos, deixaram as crianças chorando porque "eles iam morrer na guerra".



7. A Tática dos Políticos

O avanço do nível de consciência das massas camponesas obrigou os politiqueiros da região de Canudos, identificados com as velhas tradições de carrancismo do sertão, a atualizar as suas táticas com relação a Conselheiro e sua

gente. Até o início dos anos 80, temas ligados às lutas camponesas pela conquista da terra, como cangaço, pau-de-colher, Canudos etc., carregavam um forte conteúdo negativo em todas as camadas sociais do sertão, principalmente nas áreas onde passaram as tropas do governo. Os políticos quando tocavam nesses assuntos, lembravam que o governo tinha força para intervir em qualquer atividade que revivesse os movimentos de libertação do passado. Estas advertências são feitas ainda hoje. Seja através da apresentação de armas que já foram usadas para destruir as populações do passado, seja através das pressões diretas sobre a participação das pessoas nas comunidades de base, em partidos de oposição etc.

Até mesmo a prática religiosa de Conselheiro e algumas de suas obras deixadas na região, autêntico testemunho missionário: igreja e cemitério de Xorroxó; Igreja da Comunidade, destruída; paredes em argamassa do caminho do Santuário da Santa Cruz de Monte Santo, tudo isso teve o seu significado distorcido pelas idéias do carrancismo.

De 1982 para cá, quando nome e a luta de Conselheiro são arrancados do fundo do açude e passados de boca em boca pelo povo humilde, as classes dominantes trocam a linguagem do carrancismo por uma linguagem mais adaptável à nova realidade. O Conselheiro louco, agitador, fanático, subversivo, é agora apresentado às altas autoridades e aos militares com um estilo diferente. Mais identificado com os interesses da sua classe: místico, beato,

que agora pode ser invocado nos palanques, para contrapor ao Conselheiro profeta das massas empobrecidas. Já que as comunidades deram novos títulos a Conselheiro, o poder econômico se apressa para não ficar por baixo.

No Cumbe, Conselheiro vira nome de hotel de luxo; em Monte Santo, cidade sede do planejamento das operações que incendiaram o Belo Monte, é merecedor de uma escultura em madeira, exposta no palanque da praça da Matriz; em Uauá, Conselheiro se torna nome de bairro. Diante desse novo ambiente, o Conselheiro é conduzido à Feira dos Municípios, na Capital do Estado, junto com a representação de Monte Santo e fixado na barraca do Município, como peça de atração turística.

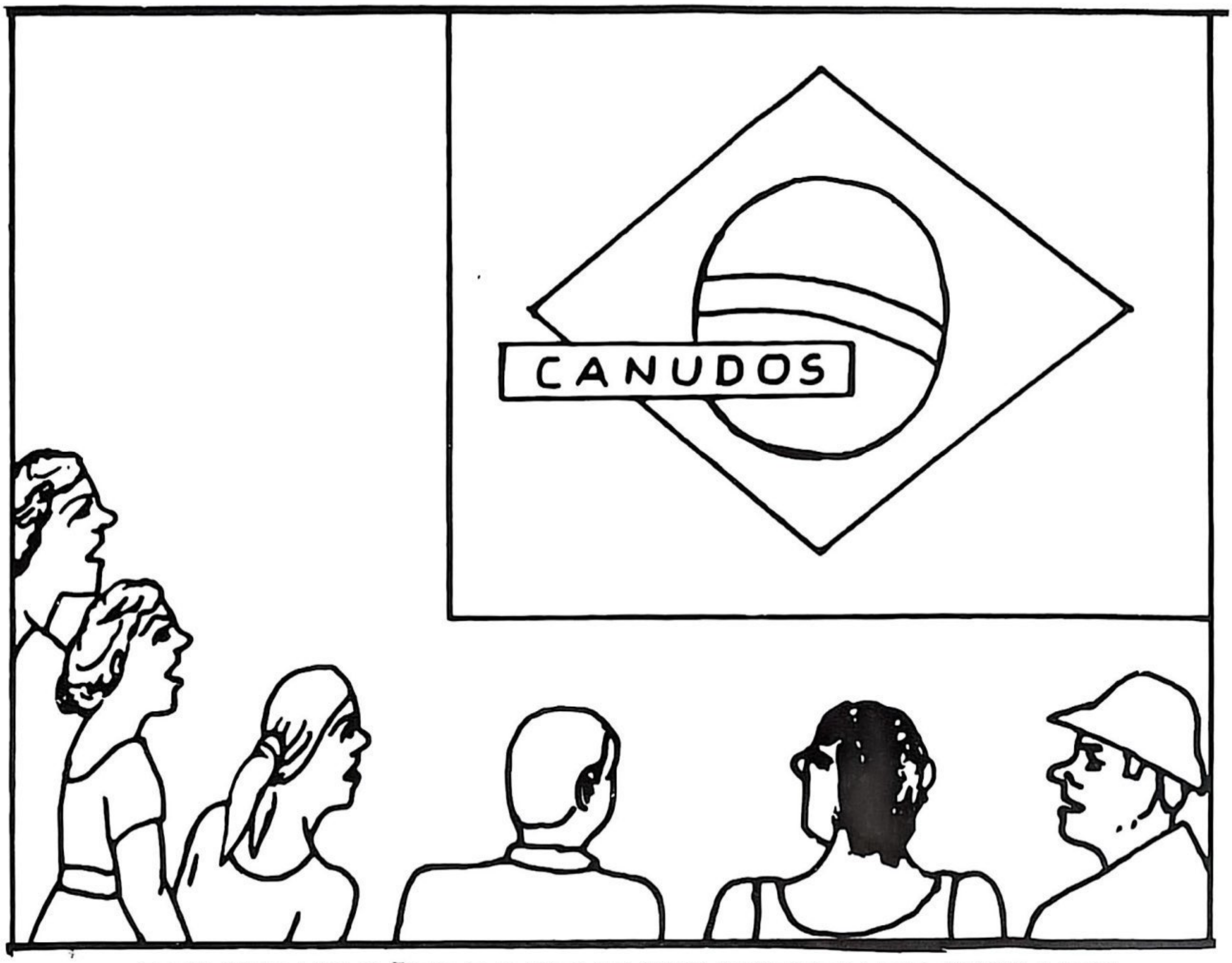
Nesta linha de interesses mútuos, vem agindo com muita sutileza o governo do Estado: se não é mais possível preservar a visão oficial dos acontecimentos de Canudos, se não dá pra segurar o povo nos currais, se faz urgente despertar uma mentalidade cultural-folclórica, a fim de combater as lutas populares da região. A tese se resume nisso: se o silêncio vazou as barreiras do Vasa-Barris, que seja a verdade falsificada antes de ser conhecida pelo povo que tem interesse em resgatar a experiência de Canudos. Além disso, garante o presidente da EMTUR: existem projetos que "não são estritamente de interesse turístico". Deve estar incluído nesta lista o projeto Eco Turístico de Canudos "que tem por objetivo maior a preservação da cultura, res-

peitando as raízes". Esta declaração esconde os interesses político-militares do projeto; nada diz sobre o que deve ser feito com os moradores da área e silencia sobre a atuação do Novo Movimento Histórico de Canudos. Tudo isso vem confirmar a posição agressiva do Estado: de total desrespeito aos moradores da área e à história que os une aos seus parentes mortos na guerra. O que é mais grave é que esta violência contra os humildes está acontecendo justamente quando a Nova República faz uma tentativa de fixar os trabalhadores brasileiros no campo, garantindo-lhes trabalho na terra. Para decepção das pessoas sensíveis a estas causas, o governo do PDS da Bahia, passando por cima dos direitos das populações pobres insiste na prática da agressão oficial contra as massas comprometidas com a luta de Canudos e contra os seus aliados.

Em 1897, mataram 25.000 vidas. Nos anos 60, expulsaram os seus parentes do mesmo local. De 1983/86, com o aparecimento do Novo Movimento, quando o povo decide resgatar a luta dos seus parentes. Quando o povo, agora organizado em movimentos, associações, comunidades, trava uma luta concreta com o objetivo de criar condições dignas de sobrevivência, os caciques planejam o exílio de dezenas de famílias trabalhadoras. A consciência cívida deste País lamenta e repudia mais um grosseiro atentado contra os direitos humanos, principalmente neste Ano Internacional da Paz, como

também, a violência de ontem e de hoje contra os camponeses de Canudos e do Brasil.

O Novo Movimento Histórico de Canudos, iniciado em 1983, ultrapassou as fronteiras do açude de Cocorobó. Atingiu os meios artísticos, intelectuais, políticos da Bahia. Abriu espaços de discussão no cenário do País. Conquistou a simpatia de grupos e entidades profissionais da Europa: Áustria, França, Holanda, Alemanha, Itália. Algumas destas entidades vêm dando apoio ao movimento, ao tempo em que estão agindo junto ao governo brasileiro e o governo da Bahia no sentido de garantirem a livre ação pastoral da Coordenação do Movimento e das organizações comunitárias, na luta de libertação do povo da região e na tarefa de recuperação deste capítulo fundamental das lutas camponesas deste País. Entendendo que se trata de uma atividade em favor da construção de um mundo justo e fraterno.



REIVINDICAÇÕES DO NOVO MOVIMENTO DE CANUDOS

- O Museu de Canudos em Canudos;
- O Monumento a Conselheiro;
- A construção da igreja, no mesmo estilo da Igreja de Canudos;
- A volta do Cruzeiro de Canudos, que está em Cocorobó, para Canudos;

Atividades específicas:

- Arborização do local onde se realizaram as manifestações de Canudos;
- Divulgação e fortalecimento do Movimento;
- Composição da Missa pelos Mártires de Canudos.

CÂNTICOS

BELO MONTE

Ref.: Qual o mal-feito que nós praticamos?
O que de errado o Belo Monte fêz?
Se só lutamos, juntos, em comunhão?
Se o Bom Jesus uniu o camponês

1 — Aqui chegamos de um Nordeste brabo
Trazendo as marcas da exploração
Vimos da fome vimos da doença
E aqui fizemos, muita comunhão.

2 — Aqui chegamos de um atraso infame
Trazendo as chagas de uma dor sem fim
Vimos da Cunga, vimos da miséria
E aqui fizemos, muita comunhão.

3 — Aqui viemos cultivar a terra
Festa, trabalho, dor em mutirão
A terra seca produziu fartura
E aqui fizemos, muita comunhão.

4 — Aqui viemos pela liberdade
Aqui plantamos paz no coração
Vimos o ermo ser comunidade
Sonho de um rei, orgulho de irmãos.

PENITENTE

1 — Retirante no bravo Nordeste
Penitente da fé de Abraão
No levante da gente do agreste
Teu conselho resgata o sertão.

2 — 90 anos depois
A luta que calou, virá
Canudos renasceu de novo
Jamais o povo esquecerá;
Canudos sonho de irmãos
Rebenta, cresce em meu olhar
Na terra, desenterra, o pão
Na dor, o coração, dirá.

3 — Conselheiro, irmão, a luta
Se tombou no chão, a vida
Das lembranças que brotaram
Ninguém conta, os grãos, amigo.

O SERTÃO VAI VIRAR MAR

Ref.: Se o sertão vai virar mar
e se o mar virar sertão
Eu vou ter água
Pra molhar meu coração (Bis)

1 — Já chega de seca, de fome/de atraso,
de tudo/já chega de dor, de miséria
de tudo o que deu.

2 — Já chega de promessas/já chega de
ilusão/já chega de sofrer/já chega
de opressão/Espero um novo dia/o
mundo vai mudar/juntando os nossos
pulsos/o povo vencerá,

MARIA DOS POVOS

Ah, Avé, Avé (bis)

1 — Maria dos Povos/da América Latina
Feridos do Sul/ao Caribe Latino
Maria teu nome, nos mares e serras
É vida é promessa/de paz nestas terras.

2 — Maria da fé/e mãe da Igreja
Dos trabalhadores/que a ti, te festejam
Liberta os negros/os índios nativos
Que te reconhecem/mãe dos oprimidos.

3 — Maria das dores/da gente sofrida
Conduz os teus filhos/prás grandes saídas
Recobra teu sangue/assina teu brado:
Já chega de fome/de dor de infado.

4 — Maria da paz/teu canto é notícia
É luz e protesto/contra a injustiça.
Nos fóruns do mundo/ensina a verdade
Nas roças dos povos/planta a liberdade.

5 — Maria semente/à espera do adubo
Nos dá a coragem/que houve em Canudos
Na fúria do Abade/na boca de Ester
Liberta os humildes/o povo da fé.

MUNDO DE IRMÃOS

1 — Nordeste era dor era pranto.
O homem era escravo do chão/
A vida amarrada na canga/
O povo morria sem pão.

Ref: E Canudos apareceu
Trazendo fartura pro chão
O homem cansado viveu
O atraso se faz comunhão (Bis)

2 — Vieram irmãos de outras glebas
vieram do mar, do sertão
juntar seus haveres na terra
plantar o seu mundo de irmãos

3 — A terra pulou de alegria
no velho, a vida nasceu
Canudos era um outro dia
o povo viu paz no que é seu.

BRAVOS GUERREIROS

Ref: E o que eu fiz/Prá merecer
Esta degola/Vendo morrer
Meus seguidores/A soluçar
Bravos guerreiros/A se acabar (Bis)

1 — *Andei do sertão ao mar/andei do mar ao sertão/Uni em todo lugar nortistas de Sangue irmão.*

2 — *Preguei do Evangelho, a fé/Amei quanto pode a vida/Preguei o que Deus mais quer/a terra bem dividida.*

3 — *Deixei casa e meu lugar/ em busca de um mundo irmão/viver era só lutar/só quis a libertacão.*

4 — *Nordeste que eu tanto amei/nos olhos do lavrador/Um dia amanhecerás/liberto do agressor.*

5 — *Reparto Contigo a dor/irmão do meu povo irmão/Canudos flora na terra/A guerra não foi em vão.*

TRISTEZA SEM FIM

Ref: Pai, Pai, onde é que vou
Onde é que vai/Esse Sertão
Onde é que vai/O meu povão?

1 — Vendo teu povo assim/Vendo o trabalho feroz/Vendo a tristeza sem fim/Vendo como estamos nós?

2 — Vendo meus filhos assim, Vendo o tempo mudar/Vendo o futuro de mim/Vendo a união se alastrar!

CANUDOS NÃO MORREU

Ref: Alegria, povo meu
Pois Canudos não morreu
Está vivo na União
Tá na fé, no coraçãO, no coraçãO.

1 — Tá no homem na mulher/tá na
flor da minha fé/tá na terra na
alegria/no amor, na rebeldia.

2 — Pois Canudos é uma Paixão/uma
luta, um sonho bom/um caminho,
um sacrifício/prá vencer o precipício.

3 — Tá na dor, tá no tormento/tá na
vida que irradia/dá coragem e
amamenta/A criança que se cria.

4 — Tá na terra repartida/tá na fé
que vai crescer/tá na vida tão
sofrida/tá na dor que vai morrer.

VIDAS DESGASTADAS

1 — Senhor, tua paz que vem do alto/teu
amor que enche a terra/teu
carinho divinal.

2 — Senhor, teu espírito querido/
qualifica a nossa vida/santifica o
vinho e o pão.

3 — Recebe, tantas vidas desgastadas/
nesse açude inundadas/prá História
esquecer.

4 — Recebe, os guerreiros da minha
gente/os amores, as sementes/que
a violência trucidou.

5 — Recebe, na manhã que irradia/a
esperança, a alegria/que do sangue
vai brotar.

6 — Recebe, o ofertório de Canudos/
nossos mortos, nosso tudo/prá
vingar a redenção.

MARIA RITA

Quando Secar esse açude
Quando houver água, nesse sertão
Arrancaremos do chão da terra
Os nossos mortos, da solidão.

Ref: Ei, virá, Canudos vem
Ei, virá, Canudos vem
Ei, da fé, do Pajeú
E tu, Maria Rita
Virgem guerreira
Teu sonho vem! (Bis)

Quando a Igreja, vier à tona
Quando o museu aqui chegar
No cemitério, fora das águas
Todas as almas, virão rezar!

Quando criarmos o monumento
Do Conselheiro, Santo Irmão
Viremos juntos, em romaria
Trazendo flores, no coração.

Quando vazar a liberdade
Regando as graças do meu sertão
O Sangue humilde, será vingado
Virá da luta, a paz do chão.

DEIXEM-ME VIVER

Ref: Deixem-me viver/deixem-me falar
Deixe-me.crescer/deixe-me organizar (Bis)

1 – Quando eu vivia no sertão/aos pés de
quem devia me mandar/gemia, calo e dor
Nas minhas mãos/a canga era pesada
prá levar.
2 – Aí apareceu pelo sertão/um Monte que
passou a cativar/tão Belo que ajuntou
o povo irmão /patrão e opressor não tinha lá.

3 – Canudos outra vez vai florescer/
A vida como um galho vai frondar
A luta pela terra gera o pão
Amores vão de novo começar.

4 – Canudos se espalhou pelo país
Embora os tubarões queiram morder
Nas roças e nas vilas, o que se diz:
O povo organizado vai vencer.

CANUDOS UM AMOR

Ref: Vem meu irmão, Conselheiro,
Unindo ligeiro, os nossos irmãos.

Na madrugada ele anda
com o seu terço na mão
Leva no peito o evangelho
Tira os Conselhos de irmãos

Ao por do sol se retira
Olha Canudos, um amor
Pensa no sangue, na guerra
Prepara a libertação!

Deita o peito no Rio
Vaza-Barris é o pai
Canudos é a mãe que afaga
E tira os filhos do mal!

EQUIPE DE ELABORAÇÃO
Enoque Oliveira (Monte Santo)
Edésio Lima (Euclides da Cunha)
Jorge Fetsch (Uauá)
Pedro Peixinho (Uauá)
Vanda Santana (Monte Santo)

EQUIPE DE COLABORAÇÃO
Antonio Mesquita (Uauá)
Basílio Gomes (Uauá)
Carlos Guimarães (Uauá)
Delires Brun (Canudos)
Enoque Araújo (Lagarto)
Fábio Paes (Salvador)
Fernando de Oliveira (Juazeiro)
Isabel Silva (Monte Santo)
Maria de Lourdes S. O. Farias (Euclides da Cunha)
Marilene Santos (Canudos)
Paulo Ehle (Uauá)
Paulo César Barbosa (Monte Santo)
Rogério Alves (Juazeiro)

Agosto/1986

COORDENAÇÃO DO NOVO MOVIMENTO HISTÓRICO DE CANUDOS

Foto da 2ª Missa de Canudos. Outubro/85